1841 1873
14

MEMORIAS

COM O TITULO

DE

ANNAES,

PARA A HISTORIA DO TEMPO

QUE DUROU A USURPAÇÃO

DE

D. MIGUEL,

POR

JOSE' LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

VOLUME 1.°

Opus aggredior opimum casibus.
TACITO, livro 1.° das Hist. in princip.

LISBOA,
NA IMPRENSA NEVESIANA.
1841.

RUA DO LOUREIRO N. 15.

MEMORIAS

COM O TITULO

DE

ANNAES,

PARA A HISTORIA DO TEMPO

QUE DUROU A USURPAÇÃO

DE

D. MIGUEL.

POR

JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

VOLUME I.

Opus aggredior opimum casibus.
TACITO, livro 1.º das Hist. in princip.

LISBOA,
NA IMPRENSA NEVESIANA.
1841.

RUA DO LORETO N. 18.

AO LEITOR D'ESTAS MEMORIAS.

Eu vou fallar das cousas e dos homens que vi e conheci, por ter vivido no meio d'elles antes e durante a usurpação. Assim descreverei estas cousas taes e quaes se me tem figurado, sem a mais pequena idéa de as tornar ou mais brilhantes ou mais feias; e descreverei os homens taes quaes os tenho visto na sua publica capacidade. Por tanto, só direi a verdade, segundo ella sempre me pareceo, sem pertender ser panegyrista ou calumniador. Quem se julgar offendido não o attribua á minha má vontade, mas sim ás inexactas informações que tive, ou á impossibilidade de poder julgar do que vi e ouvi com mais rectidão e verdade. Estranho pois a todas as contemplações, e estimando sempre em mais a verdade do que os homens, quaesquer que elles sejão ou por sua graduação social ou por seus empregos, estarei sempre prompto a lhes fazer justiça, e a rectificar meus erros, uma vez que com boa fé me sejão mostrados. He isto tudo a quanto me posso obrigar, manifestando, por esta minha declaração, quanto aborreço a calumnia, e o muito que desejo ser justo e ver-

dadeiro, sem ser adulador ou servil, como já antes o declarei no meu *Ensaio*. — Lisboa em 20 de março, 1841.

José Liberato Freire de Carvalho.

ADVERTENCIA.

Não podendo ser a obra, que vou publicar, uma historia completa do tempo da usurpação de D. Miguel, por me faltarem muitos factos e documentos que não pude colligir, dou-lhe o nome de *Memorias*, com o titulo de *Annaes*, porque successivamente em cada anno fui escrevendo as cousas que relato, e das quaes ou fui testimunha, ou pelos escriptos do tempo, e por muitas pessoas fui informado. Fôrão elles começados em Londres no anno 1830, e concluidos em Lisboa em 1834.

ADVERTENCIA.

Não podendo ser a obra, que vou publicar, uma historia completa do tempo da usurpação de D. Miguel, por me faltarem muitos factos e documentos que não pude colligir, dou-lhe o nome de *Memorias*, com o titulo de *Annaes*, porque successivamente em cada anno fui escrevendo as cousas que relatro, e das quaes ou fui testimunha, ou pelos escriptos do tempo, e por muitas pessoas fui informado. Fôrão ellas começadas em Londres no anno 1830, e concluidos em Lisboa em 1834.

LIVRO I.

DOS ANNAES.

Successos principaes desde o reconhecimento publico de D. Miguel como rei de Portugal pelos falsos tres-estados do reino até o fim do anno de 1828.

Proponho-me narrar os factos principaes de uma épocha a mais desastrosa que tem visto Portugal; e, como Tacito, tenho que referir casos atrozes, crimes inauditos, e miserias e desgraças espantosas. Entre os crimes, uma usurpação vergonhosa e infame por todas as baixezas, por todas as intrigas, e por todas as violencias que se podem imaginar; e entre as desgraças, essa mesma usurpação coberta de todos os horrores, e de todas as infelicidades, filhas e companheiras de um poder absoluto usurpado, que, para manter-se, julgou que só o podia fazer, tornando-se barbaro, feroz, e brutal. Direi como a sanctidade do juramento e a honra da lealdade fôrão convertidas em crimes, e a trozmente punidas como gravissimos delictos. Di-

rei como o perjurio e a deslealdade recebêrão as honras e o culto das virtudes; e como até houve sacerdotes impios e blasfemos que apregoárão, e sanccionárão esta moral depravação. Direi como, para manter este systema de horrores e de crimes, se violárão as mais sanctas leis da razão e da justiça; como em nome d'ellas se commettêrão os actos mais abominaveis; como estes fôrão ainda ennegrecidos pela ferocidade dos insultos que se fizerão ás victimas; e como, por ultimo excesso de uma desnatural fereza, se virão mulheres Portuguezas de elevada condição fraternisar com os assassinos e com os algozes, e applaudir, como Bachantes, as scenas de sangue, de horror e crueldade. (*a*) E direi ainda emfim, como a influencia estrangeira, e particularmente a politica Britanica, apoiárão ora clandestinamente, ora ás claras, e sem pejo, todos os crimes, todos os delirios, e até toda a brutalidade do tyranno usurpador, e seus sicarios, e seus complices.

Mas nem por isso tambem a esta época de infelicidades e desastres faltárão grandes e magnificos exemplos de virtudes raras, como os de uma constancia inalteravel, e de uma lealdade superior a todas as seducções e a todos os terrores. Virão-se as victimas su-

(*a*) No Porto, particularmente, derão algumas mulheres nobres este espectaculo feroz de uma brutalidade delirante.

bir ao cadafalso não só com valor, e intrepidez, porém ali mesmo ratificar com energica firmeza seus heroicos e honrados sentimentos, fazendo assim envergonhar, e estremecer seus proprios assassinos. Virão-se mais as masmorras, ou as cavernas cheias de martyres da honra e liberdade ou por aquelles que tinhão cahido nas mãos de seus ferozes e implacaveis inimigos, ou pelos que, tendo-lhes escapado, procurárão illudir sua ferina vigilancia, sem que nem a uns nem a outros faltasse a constancia em tantos perigos e asperos trabalhos. Virão-se ainda os mares e as terras estrangeiras cubertas de emigrados de todas as classes e de todas as condições, os quaes, preferindo a sua consciencia e o amor de uma justa liberdade a todos os incentivos do poder arbitrario e usurpado, largárão bens, patria, casas e familias só para serem fiéis ao rei e á lei, que de escravos os tinhão tornado cidadãos. E finalmente se vio, o que mais honra o caracter Portuguez, uma nobre e intrepida resolução não só em abrigar e esconder as virtudes perseguidas para que a tyrannia as não devorasse, porém em derramar sobre ellas todas as consolações e todos os auxilios de que nas suas desgraças precisavão. Assim, a par dos crimes se virão reluzir os mais brilhantes actos de virtude; e isto será prova irrefragavel que não he a nação que se deve ter por criminosa, nem que voluntariamente

ella quiz tomar os ferros da antiga servidão; mas que esta obra de iniquidade e de vileza só foi executada por um bando de facciosos e escravos, arrastados a tanta vilania quer por seus proprios, sordidos e baixos interesses, quer pela insocial e atroz politica de alguns gabinetes estrangeiros.

A usurpação de D. Miguel completou-se no dia 23 de junho de 1828, quando uma assemblea sediciosa, e da propria e unica escolha do usurpador, o declarou rei legitimo de Portugal; declaração, que a mesma assemblea fez ainda mais publica e patente no dia 11 do seguinte mez de julho, em que lavrou o seu chamado assento, e n'elle a sua *servidão voluntaria*. Desde então o systema de tyrannia, de horrores e vinganças, que até ali era como provisorio, se converteo em dogma politico do governo usurpado, e tomou todo esse ar de ferocidade e delirio que depois sempre o distinguio. Mas para isso concorreo tambem um grande acontecimento, cujo exito fatal, por ser coevo com esta mesma época, he preciso relatá-lo; e esse acontecimento foi a revolução do Porto.

O comportamento do infante D. Miguel, desde o primeiro dia em que chegou a Lisboa, dêo logo a conhecer quaes erão as suas intenções, e as d'aquelles de quem elle era um miseravel instrumento; comtudo, o decreto de 3 de maio de 1828, pelo qual

convocava os denominados tres-estados do reino, desmascarou completamente os projectos de uma proxima usurpação, e pôz a descuberto todas as maquinações sediciosas que para este fim se andavão traçando. Foi já este documento assignado com a *rubrica real*; e á vista d'elle todos os ministros e agentes estrangeiros suspendêrão as suas relações diplomaticas, e a ninguem já ficou duvida de qual era o projecto dos conspiradores. A parte sã da nação, isto he, aquella que deveras amava a carta constitucional e o rei legitimo, vio então que a perda da sua liberdade estava decidida; e os animos de todos se começárão a agitar. Para esta quasi geral agitação concorrião simultaneamente as muitas prisões que já se tinhão começado a fazer pelo modo o mais arbitrario; as deposições de todos os militares, magistrados, e empregados publicos, que erão substituidos por homens conhecidamente inimigos das instituições liberaes, e pela maior parte já marcados com o ferrete das passadas rebelliões; e finalmente, os receios e os temores de um governo, verdadeiramente de sangue, quando este se julgasse de todo bem firmado e seguro. N'estas disposições nacionaes, vendo-se ao mesmo tempo que as nações estrangeiras apparentemente desapprovavão todos os passos, que tão rapidamente se davão para a usurpação, suspendendo as suas communicações diplomaticas com o governo que já

não disfarçava seus planos; e não se podendo acreditar que, pelo menos, o governo Britanico se tornasse complice do usurpador, por ser aquelle a causa principal de este haver sido chamado para a regencia do reino, e por haver-se tornado por este e outros actos publicos como garante da legitimidade do throno e da carta constitucional que d'elle tinha recebido a sancção; entrou então nos desejos, e no espirito de todos, os que amavão a patria, e erão leaes e honrados, a resistencia á oppressão, e ao roubo das liberdades publicas. Appareceo visivelmente, e por um modo que parecia decisivo, esta resistencia na cidade do Porto no dia 16 de maio d'este mesmo anno, havendo sido já antes precedida pela nobre resolução do batalhão de caçadores 10, que em Aveiro levantou o primeiro grito a favor do rei legitimo e da carta, e d'ali se dirigio a unir-se com os seus briosos camaradas do Porto, na qual cidade, como já disse, tomou a revolução o caracter de um impulso verdadeiramente nacional. Com tão bons principios, com tão boas disposições, e com tantos meios se malogrou comtudo esta tentativa; e desgraçadamente na mesma épocha em que o usurpador estava em Lisboa realisando o seu crime por meio d'essa assemblea que pertendia representar os tres-estados do reino. Como do máo resultado d'esta infeliz tentativa procedessem todos os nossos males, e todas as

nossas desgraças, direi pois como ella se malogrou, e quaes fôrão as causas principaes que concorrêrão para esta desastrosa catastrophe.

A resistencia, tão legitima como necessaria, que se fez no Porto no dia 16 de maio principiou pela adherencia que todos os corpos da guarnição derão ao verdadeiro governo, e ás instituições sobre que elle estava fundado. Não foi porém esta resistencia uma verdadeira revolução militar, mas antes a verdadeira expressão dos geraes sentimentos do povo; porque quando a tropa faz um movimento politico, que he applaudido por todos, ou quasi todos os individuos de uma nação, mostra-se evidentemente que os soldados passárão de simplices apoios do poder para a classe de cidadãos; e que n'esta conformidade operão uma reacção que não he propriamente militar, mas, em todo o rigor dos termos, essencialmente nacional. Não succede isto assim quando os mesmos soldados obrão em sentido contrario ao espirito publico, e só com as tenções de sustentar uma auctoridade, quer legitima quer usurpada, com tanto que os pague; porque então em vez de se o povo unir com elles, antes os amaldiçoa e abomina, e fica não só exposto a todas as vinganças, mas até as soffre da força armada, que não tem outro fim senão o de sustentar a ambição ou o despotismo d'aquelle ou d'aquelles que a commandão. He

isto, por tanto, o que vimos na usurpação de D. Miguel, na qual, parte da tropa, já desmoralisada, se separou inteiramente do povo, e este d'ella; quando pelo contrario, no Porto e outras provincias, o povo e a tropa, todos como cidadãos, se unirão no mesmo empenho, e fizerão entre si causa commum.

Em consequencia de se ter operado a revolução do Porto por meio da influencia militar, tomárão os commandantes de todos aquelles corpos a iniciativa de um governo provisorio, intitulado conselho militar; mas logo o primeiro passo que derão foi fatal, foi desastroso. Na sua primeira proclamação de 17 de maio, ou por fraqueza ou por ignorancia, commettêrão um erro imperdoavel, e que foi o preludio de todos os desacertos futuros. Suppozerão que o infante D. Miguel estava coacto, e não caminhava voluntariamente a ser um determinado e descarado usurpador; e n'esta falsa e impolitica supposição disserão que ninguem o respeitava mais do que elles, e por fim lhe derão vivas, assim como ao legitimo rei e á legitima Rainha, de quem elle já tinha escandalosamente usurpado a auctoridade. Com isto pozerão em duvida a justiça da revolução; tornárão indecisos os animos de muitos e muitos individuos; e paralisárão todo esse primeiro enthusiasmo, que sempre resulta de um grande feito, que he operado em beneficio dos mui-

tos que o desejão e o necessitão. Nas revoluções, quaesquer que ellas sejão, nunca se deve mostrar duvida sobre a justiça com que ellas se fazem; nem indecisão nos meios que se adoptão para as executar; porque, havendo-as, perde-se infallivelmente um dos seus maiores instrumentos que he a convicção geral da sua necessidade, e dos seus felizes resultados. O conselho militar do Porto nunca devia ter sahido do seguinte dilema, isto he: ou que D. Miguel era usurpador ou não era. Se o era, como já evidentemente o tinha mostrado por seus actos repetidos, convinha que desde logo, sem disfarce ou contemplação alguma, fosse tratado como tal; se o não era, vinha a ser uma grande estulticia a declaração contra um homem que ainda se não tinha por completamente culpado. Mas já se não podia duvidar qual das partes do dilema fosse a verdadeira; e por isso aquella proclamação não só foi fatal, porém a mais impolitica e a mais inconsiderada que se podia fazer, porque em actos de tal natureza, como aquella que já tinha caracterisado as tenções do usurpador, nunca podem haver nem meia culpabilidade nem meios delictos.

O conselho militar, para desviar de si, como era de razão, toda a suspeita de que aquelle movimento fosse puramente militar; e porque a força armada nunca se póde constituir em legitimo governo, cuidou imme-

diatamente em que se nomeasse uma junta provisoria de governo, a qual dirigisse todos os negocios em nome d'elrei D. Pedro 4.° Foi com effeito nomeada esta junta; mas para a sua nomeação já entrárão em lucta todas as intrigas, como de ordinario acontece em taes occasiões; e o patriotismo tambem então cedeo a muitas ambições particulares, que em pouco mostrárão, pelo menos, a pouca aptidão que tinhão para os negocios em uma crise que demandava não tanto grandes talentos como muita resolução, muita independencia, e mais que tudo muita energia e actividade. Desgraçadamente nenhuma d'estas qualidades brilhou n'este corpo collectivo de homens de quem ficárão dependentes os nossos destinos assim como os do usurpador; e as causas geraes d'esta catastrophe são as que agora passo a relatar.

A junta provisoria do Porto (*b*) tomou posse, e fez um manifesto com data de 28 de maio, no qual, sem cahir no grande erro do conselho militar, em que dava o infante como coacto e quasi sem culpa, promet-

(*b*) Compôz-se esta junta dos individuos seguintes = o tenente-general Antonio Hypolito da Costa; os coroneis Duarte Guilherme Ferreri; Francisco da Gama Lobo Botelho: os desembargadores Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento; José Joaquim Gerardo de S. Paio: os negociantes Christiano Nicoláo Copque; Francisco Ignacio Vanzeller. Servirão de secretarios o coronel d'engenheiros Antonio José da Silva Paulet; os desembargadores Joaquim José de Queiroz; Manuel Antonio de Vellez Caldeira; e o doutor Joaquim Antonio de Magalhães.

teo sustentar a revolução; positivamente dizendo, que *os seus membros perderião antes as vidas do que faltar ás suas sagradas obrigações.* Não passou porém de palavras esta sua pomposa promessa, porque depois, como logo veremos, não fez nada, e por ultimo fracamente se dissolveo e fugio. Esta junta recebeo a revolução forte e vigorosa das mãos do conselho militar, mas foi tal a sua inepcia, se mais outros motivos não houve, que desde logo a começou a suffocar, e por fim a entregou moribunda aos navegantes do *Belfast*, que a assassinárão (*c*). Em melhores circumstancias nunca se podia achar a junta para operar a quéda do usurpador, e o restabelecimento da nossa liberdade politica: porque além de achar a parte sã e illustrada da nação prompta a cooperar efficazmente com ella; de ter por si ainda quasi toda a força armada, e até aquella que guarnecia a capital, o centro da usurpação; foi immediatamente reconhecida e apoiada pela legação Brasileira em Londres; a qual, assim que soube do primeiro perjurio commettido pelo infante em consequencia do decreto de 3 de maio (*d*), se prestou logo a auxiliar uma revolução em Portugal á favor do rei legiti-

(*c*) He o nome do ominoso barco de vapor em que o marquez de Palmella e seus companheiros fôrão para o Porto.

(*d*) Pelo qual se mandárão convocar os tres-estados do reino.

mo e da carta constitucional (e). Mas nada d'isto aproveitou á junta; e ella não só nada fez do que devia fazer, porém fez tudo o que se podia fazer para arruinar a grande obra de que havia, tão desgraçadamente, tomado a direcção. As causas principaes por que ella perdeo uma empreza, que era quasi impossivel perder-se, fôrão o seu muito egoismo, a sua muita inepcia, a sua muita servidão, e a sua muita fraqueza; causas, que muito melhor se farão conhecer pelo desenvolvimento que vou dar ao summario das suas operações tanto politicas como militares.

Em revoluções, todo o tempo que se não aproveita he uma perda irreparavel. He preciso aproveitar a febre revolucionaria, que sempre he fortissima nos principios de todos os movimentos politicos; porque sendo ella de sua natureza de pouca duração, como são todas as grandes paixões, segue-se lhe logo o abatimento, e com elle a irresolução, os receios, que a final produzem o medo e a nullidade. Este primeiro erro commetteo logo a junta por sua inepcia e por seu egoismo, porque, em vez de marchar immediatamente para a capital como se tinha feito em 1820,

(e) Hum facto que muito honra o visconde de Itabayana, então ministro Brasileiro em Londres, he que elle, assim que teve a certeza do já citado decreto de 3 de maio, logo convidou o general Saldanha para ir fazer uma revolução no Porto, e ratificou este convite quando no dia 29 do mesmo mez chegárão a Londres as noticias de ella ter já ali rebentado.

deixou-se ficar muito socegada no seu posto, e assim deixou tambem todo o campo livre não só ás operações do inimigo, mas, o que era ainda peior, ás reflexões do publico, que via a sua apathica morosidade. Desgraçada he sempre a revolução em que se dá tempo ao povo para reflectir, porque este só deve ser impellido pelo sentimento, e a reflexão só deve ficar para aquelles que o dirigem. Persuadio-se que bastava installar-se, e fazer um manifesto e proclamações para vêr correr todo o Portugal a reconhecê-la e servi-la. Não cuidou em abrir logo communicações, ao menos com as provincias mais visinhas, a de Traz-dos-montes e da Beira, e em trazer ao seu partido as tropas ali estacionadas; não trabalhou em apoderar-se das duas praças importantes, que ficavão mais longe da influencia do usurpador, as quaes erão Valença e Almeida; e assim perdeo estultamente a força d'estas duas guarnições, as quaes, particularmente a de Almeida, estavão tão dispostas a favor da revolução.

A esta falta de actividade e de vistas politicas unio ainda essa fatal illusão, que já tão desgraçadamente nos tinha perdido, a qual foi pertender fazer uma revolução sem querer passar por revolucionaria; assim como querer affectar a mesma pratica dolosa, que astuciosamente se tinha inculcado quando se publicou a carta constitucional, a qual era: que nada se devia fazer que se parecesse com

a mudança politica de 1820; e que, por conseguinte, se devião desviar dos empregos todos os homens que directa ou indirectamente a tinhão creado e promovido. Imbuida n'esta estultissima maxima, julgou a junta que devia, por uma adulação servil, desprezar toda a força real que tinha dentro do paiz, e fazer d'ella sacrificio á politica estrangeira, recorrendo só a ella para desempenho da sua empreza. N'esta falsa e desgraçadissima idéa, em vez de empregar com toda a energia os meios domesticos que tinha á sua disposição, o primeiro passo que dêo foi dirigir-se aos ministros estrangeiros, que ainda se achavão em Lisboa, e com particularidade ao Inglez, a pedir-lhe protecção e auxilio, ou pelo menos, que por elles fosse legalmente reconhecida (*f*). A resposta que teve foi a que devia ter, isto he, nenhuma: e com effeito era preciso que a junta tivesse perdido até os ultimos quilates de bom senso para se persuadir que ministros de governos, claramente inimigos da carta constitucional, lhe dessem esperanças de apoio, quando esta carta acabava de ser assassinada pela usurpação. Mas, particularmente, a mania Ingleza, que entre nós sempre foi céga, não attendeo nem para o passado nem para o presente; e pertendeo que da sua

(*f*) Ha um proverbio Inglez que diz = Woe to him that will trust a stranger = ; isto he: *desgraçado de quem se fia em estrangeiros.*

causa se declarassem por cavalleiros andantes os estrangeiros, quando ella não tirava nenhum partido dos grandes e mui efficazes recursos que tinha. Esta repulsa pôz, como era de esperar, a junta em muita consternação; porque quando se confia tudo dos outros, e não ha resolução para empregar as proprias forças, o desalento, que resulta das esperanças perdidas, he então inevitavel.

A junta com esta luminosa lição podia ainda remediar as faltas passadas, decidindo-se com toda a resolução e energia a fazer, por seu proprio esforço, aquillo que esperava que os outros fizessem. Porém não succedeo assim; porque, em vez de recobrar forças, muito mais se desalentou, e até ha quem diga, sem que eu me atreva a asseverar este facto de baixeza e de escandalo, que entre ella houvera alguem que votou se entregassem nas mãos do usurpador, e lhe pedissem submissamente perdão pelo passado. Fosse isto o que fosse, o certo he, que o unico passo que a junta dêo depois foi fazer marchar para Coimbra algumas das forças, e o mutilar-se a si mesma, dividindo-se; ficando assim uma parte no Porto, e marchando a outra com a tropa que se pôz em movimento. Foi mui infeliz e mal calculada esta resolução, porque nem ella nunca se devia dividir, nem tambem devia dividir as suas forças, mas operar sempre com ellas reunidas, marchando á sua frente sem descançar um mo-

mento. Todos estes falsos calculos dependêrão porém da sua primeira falsa posição, tanto filha de egoismo como da absurda supposição, que em torno do Porto se viria reunir todo o Portugal, e que para operar este milagre bastava que ella ali se conservasse, e estivesse socegadamente legislando. Ali mesmo no Porto não fez a junta o uso que devia fazer das forças que tinha, porque as conservou divididas sem tentarem operação alguma nos sitios em que viáo que se tramava a contra-revolução; consequencia necessaria de terem deixado escapar parte dos seus inimigos, que erão as antigas auctoridades da cidade e da provincia. Mas como podia ella empregar n'esta e outras operações mui necessarias as tropas que tinha, se uma parte, a mais leal e a mais firme de todas, o regimento 18, estava só empregada em guardar e defender a familia de um dos membros da junta (*g*) em Braga ou nas suas visinhanças!

Esta divisão de forças e de auctoridade ainda podia ser temporariamente de alguma utilidade se, em vez de ter seguido a estrada direita de Coimbra, se tivesse dirigido pela provincia da Beira até Almeida, e d'ali tivesse tirado a guarnição que estava mui disposta a favor da boa causa, assim como

---

(*g*) Diz-se que este bravo regimento estivera sempre ali para guardar a mulher e familia do coronel de artilharia n.º 4, Duarte Guilherme Ferreri. Tão pouca vontade tinha a junta de marchar para Lisboa!

houvesse reunido a si todas as tropas que estavão espalhadas pela mesma provincia. O caso não estava então em guarnecer este ou aquelle ponto, em defender esta ou aquella cidade, até mesmo a do Porto; era necessario marchar rapidamente para a capital; insurgir no caminho todas as povoações, o que no momento do enthusiasmo não era difficil; formar corpos de voluntarios; e inspirar confiança nos homens leaes, e temor, e receio nos perversos e cooperadores da usurpação. Com esta marcha decidida e prompta teria certamente a junta visto em roda de si quasi toda a povoação de Portugal, e até mesmo quasi toda a tropa: (*h*) porém ella assentou que todo o reino era o Porto, que, conservando-o completava a revolução; sem se lembrar que a conservação do Porto, assim como a defeza das provincias do norte estavão só na sua marcha rapida, e na estrada de Lisboa; e que o cumplemento da revolução estava na entrada da capital ou ás portas de Lisboa. Por este modo a hida de algumas tropas para Coimbra, que se diz fôra mais o effeito das instancias de alguns officiaes do que deliberação da junta, não produzio vantagem alguma na sua marcha, nem tão pouco adiantou as operações, que nem um só momento devião parar.

(*h*) Os regimentos 13 e 22 de infantaria estiverão revoltados, e o 8 de cavallaria esteve vacillante. Pela inacção da junta se passárão para o usurpador.

Em consequencia de tão mesquinho e desgraçado plano se achou a junta dividida em duas fracções, e nas mesmas dividio as suas forças, sem lhes dar applicação alguma que proveitosa fosse. E em verdade, que bem podia resultar d'esta separação, havendo dezoito ou vinte legoas de intervallo entre um corpo que devia ser unico, e nunca operar senão unido e compacto? A fracção do Porto, ali estacionada, não defendia senão o ponto que pisava, e deixava as duas provincias do norte entregues á seducção e ameaços de seus inimigos; o que não podia deixar de acontecer, ao vêr-se a timidez, ou a irresolução que ella mostrava, não ousando separar-se do berço em que nascêra. A de Coimbra, tambem immovel no seu posto, deixou a Beira, a Extremadura, e Alemtejo debaixo do pleno poder do governo usurpado, dando-lhe todo o tempo não só para subjugar a todos que tinha por inimigos ou suspeitos, mas no emtanto para folgadamente se preparar, e pôr em termos de fazer uma efficaz resistencia, como a final aconteceo.

Foi, por tanto, segundo e fatalissimo erro da junta o não ordenar que a divisão de Coimbra marchasse para diante; o que nos primeiros tempos, longe de ser perigoso, devia ter pelo contrario mui felizes resultados. O commandante d'esta divisão era o general Saraiva, homem que mostrava ser bom patriota, e leal á causa que defendia; mas

como não tivesse experiencia alguma da guerra, era timido, era irresoluto, uma das qualidades as mais infelizes que póde ter um homem destinado a conduzir uma revolução. Foi dito n'aquelle tempo, e assim se escreveo (*i*), que esta sua timidez e irresolução se lhe augmentárão com uma portaria que recebêra da junta estacionada no Porto, na qual se divisavão todos os sinaes ou de covardia, ou de uma cavilosa politica; e bem assim por nunca se lhe terem mandado para o seu lado alguns militares que elle tinha pedido, e erão do numero d'aquella mesma junta. Por estes e outros motivos se conservou sempre na inacção sem ousar marchar para diante. Houve tambem ainda outra circumstancia que foi desgraçadissima, a qual, sem poder attribuir-se a traição, produzio comtudo o mesmo effeito como se o fosse. Estava vivendo nas visinhanças de Coimbra o coronel Vasconcel-

---

(*i*) No Folheto intitulado *Observações sobre alguns paragraphos da carta remettida pela junta ao imperador do Brasil, D. Pedro*, impresso em Paris no anno de 1829, a pag. 9.

Em uma obra publicada em Coimbra no anno 1840, intitulada *Revista historica de Portugal desde a morte de D. João 6.º até o fallecimento do imperador D. Pedro*, lê-se a este respeito o seguinte, a pag. 89. „O brigadeiro Saraiva foi paralisado em sua marcha por uma portaria, dictada certamente pelo espirito d'aquella timidez, irresolução, e fraqueza tão desfavoravel a uma revolução principiada com os melhores auspicios, e abastada de recursos pecuniarios.“

N. B. Eu recommendo a meus leitores a leitura d'esta excellente obra.

los que, sendo commandante do regimento 16 de infantaria, acabava de ser dimittido pelo usurpador. Tinha este official passado sempre por homem de bem, bom militar; e um verdadeiro constitucional; porém o achar-se tão perto de uma divisão, que havia tomado as armas contra a usurpação, assim como de uma cidade, onde existia parte do governo que dirigia as suas operações, e não ter comparecido de repente a unir-se a aquelle partido, erão já provas mais que bastantes para suspeitar não que fosse traidor ou espião, mas pelo menos um homem timido, e em quem se não podia confiar. Apesar d'isto, entre os individuos que formavão ali a fracção da junta provisoria do Porto, houve alguem que teve a estulta e perigosa lembrança de convidar este homem para tomar o commando da tropa. Elle, dando-se por doente, os esteve sempre entretendo; e não só nunca quiz acceitar o commando, mas até lhes inspirou medos e terrores, que certamente fôrão tambem uma das causas que concorrêrão para a tão precipitada retirada que em pouco aconteceo. Era este Vasconcellos parente do ex-ministro Barradas; e a alguem lembrou que por elle teria sido aconselhado; porém se isto assim foi, muito bem pagárão ambos esta astucia; porque, prêsos á ordem do tyranno, passárão a soffrer a pena d'aquelles que não tem resolução politica para tomarem nem hum nem outro partido.

Se esta divisão ligeira, estacionada em Coimbra, tivesse sido bem commandada, e houvesse tido ordem positiva para marchar para diante, ella por si só teria sido sufficiente para entrar em Lisboa, e derribar o usurpador e a usurpação; porque era tal o espirito da capital, e tamanha era a indecisão da tropa que ali estava, que um regimento ou dous, que chegassem a Villa-Franca ou Sacavem, terião feito com que quasi toda a Lisboa corresse a encontrar-se com elles. Mas, ou por um calculo infeliz, ou por uma timidez incomprehensivel deixarão-se estar em Coimbra sem avançar, havendo já mais de trinta dias que no Porto se havia feito a revolução. Que perigo podia realmente haver em avançar logo, e em marchar para diante, quando ainda era certissimo que não encontrarião forças que se lhes oppozessem? A todo o tempo se podião retirar de qualquer ponto avançado, assim como depois se retirárão de Coimbra; e no emtanto perdêrão não só a occasião de excitar o espirito das povoações da Extremadura, porém derão todo o tempo e toda a confiança ao governo rebelde para preparar todos os meios de ataque, e de os preparar com todas as esperanças de um feliz resultado á vista da timidez dos seus opponentes. E esta mesma timidez, segundo constou, e tambem está escripto nas mesmas *Observações* já citadas, foi tão desgraçada, que, achando-se por muitos dias uma unica

brigada dos rebeldes solitaria em Leiria, nunca se atrevêrão a passar das immediações de Condeixa para a hirem combater e destruir. Com taes homens, e com taes planos he sempre impossivel levar ao cabo qualquer revolução, ou qualquer feito brioso!

Depois de se haver dado tanto tempo á facção usurpadora e rebelde para perder o grande terror que a revolução do Porto lhe havia causado; e em consequencia d'isto havendo tido a mesma facção tempo de sobejo para dispôr os seus meios de defeza e de ataque, cuidou ella logo em os pôr em execução. O momento para operar era o mais proprio; porque já tinha desmoralisado completamente os regimentos que estavão debaixo das suas ordens; e via com muito boa razão que o espirito publico já estava mais acalmado á vista da frôxidão e receios que os chefes contrarios mostravão em atacá-la. Com effeito, o usurpador e a sua gente mostrárão n'esta occasião que tinhão todo o bom juizo que faltava aos seus competidores; e por tanto, sem demora fizerão avançar as suas forças. Não foi então necessario fazer mais algum esforço do que porem-se estas em marcha; porque apenas se avistárão com a divisão que estava em Coimbra, e depois de algumas insignificantes escaramuças, em que as tropas constitucionaes levárão sempre a melhor; tanto a fracção da junta provisoria como toda a divisão se pozerão logo em reti-

rada, ou antes em fuga. Para córar este acto de vergonha, espalhou-se que estavão cortados, porque alguns dos rebeldes tinhão passado o Mondego uma ou duas legoas abaixo de Coimbra, pretexto o mais ridiculo, que se podia imaginar; porque, como era possivel serem cortados, quando na sua direita tinhão aberta toda a provincia da Beira; ou podião adiantar-se pela estrada de Lisboa, manobra certa, que faria recuar seus opponentes, pois que se fossem tão estultos que ainda ousassem adiantar-se, hião collocar-se entre as forças de Coimbra e do Porto? O certo he porém que se fez esta vergonhosa retirada; e o que mais he, segundo o que se affirmou, e se escreveo (*k*), por ordem expressa d'aquella parte da junta que ali figurava de governo.

Tomárão as tropas leaes a tão *impolitica* como anti-militar linha recta da estrada do Porto; e assim por ella caminhárão até o Vouga, uma grande e bella posição, mas onde então se publicou que já não havia polvora! Assim depois de dous pequenos combates já aquella divisão tinha falta de munições! fa-

(*k*) Nas *Observações* já citadas, e a pag. 13, diz-se literalmente o seguinte: „ Aquella retirada pela perpendicular, tão anti-militar como impolitica, foi consequencia não das operações militares, mas das *ordens que o general Saraiva conserva na sua carteira*; foi o resultado das *ordens* d'aquella parte da junta que se reunio ao exercito, e que decidio a retirada de Coimbra contra a opinião declarada do major *Sá Camello*, ajudante-general. (Hoje Visconde de Sá da Bandeira.)

cto incrivel, mas que, a ser verdadeiro, mostra bem que gente era aquella que então dirigia os nossos negocios! Aqui se renovou outra nova scena de vergonha e de escandalo, por meio do qual as tropas leaes fôrão levadas como de empurrão até ás visinhanças do Porto.

Acabavão de chegar a esta cidade no dia 26 de junho os navegantes do ominoso *Belfast*, capitaneados pelo marquez de Palmella; e a junta provisoria, ou por instincto ou por plano antecipado, querendo repartir com elles o desdouro com que já estava tão proxima a cubrir-se, desde logo os associou a seus conselhos. O marquez de Palmella, que talvez em toda a sua vida militar nunca tivesse queimado uma escorva, e que só de longe teria visto o fumo dos campos de batalha, apesar de ser um marechal no exercito Portuguez, foi, além disto, nomeado general em chefe, tendo ás suas ordens os generaes conde de Villaflor, João Carlos de Saldanha, e Stubbs; e para novos membros, ou supplemento da mesma junta, fôrão eleitos o conde de S. Paio (Manuel), D. Filippe Maria de Souza, irmão do marquez, e Candido José Xavier. Parece que com taes auxilios o negocio devia tomar uma melhor fórma; as esperanças se devião reanimar; e o desalento do exercito, effeito de uma tristissima retirada, devia desde logo acabar, substituindo-se-lhe a confiança e a resolução com a che-

gada da nova gente que o vinha auxiliar. Nada porém d'isto aconteceo; porque o generalissimo, que nem uma hora se devia demorar na cidade, e que immediatamenre devia marchar para se pôr á frente das tropas, e lhes inspirar alento e confiança, nem o fez, nem mandou algum dos outros generaes que fossem fazer as suas vezes. Contentou-se em ficar no Porto, e em receber os applausos do theatro; e apenas mandou como explorador ao exercito o conde da Taipa no dia 27.

As tropas leaes, que se retiravão de Coimbra, e acabavão de chegar por esse tempo ás margens do Vouga (*l*), tinhão sido ali atacadas pelos rebeldes sem que d'ellas, como sempre lhes havia acontecido, tivessem podido levar a melhor; e n'esta posição he que o conde da Taipa as encontrou, mandado, como acabo de dizer, para este reconhecimento pelo general marquez de Palmella. Mas este precursor do general em chefe, que só devia apparecer para animar os soldados, dizendo-lhes que já tinhão novos commadantes, e que com elles serião conduzi-

(*l*) Um dos membros da junta, o doutor Joaquim Antonio de Magalhães, me asseverou que as intenções com que se fizera a retirada de Coimbra fôrão não de marchar para o Porto, porém de tomar no Sardão a estrada da Beira, e hirem fazer a juncção com a guarnição de Almeida. Como porém n'esse mesmo tempo se soubesse da chegada da gente de Londres, a mandárão consultar; e como não tivessem resposta, mudárão de plano. Isto está em contradicção com as *Observações* já citadas em outra nota; por isso não sei de que parte esteja a verdade.

dos á victoria, foi, muito pelo contrario, um dos instrumentos que mais concorrêrão para uma prompta dissolução de toda a ordem, e confiança nas tropas.

O marquez de Palmella, sempre estacionario no Porto, não pôde emfim resistir, segundo constou, aos rogos dos amigos, e na tarde do dia 28 se resolveo a marchar para o exercito. Na distancia de tres legoas, no sitio dos Carvalhos, foi que se encontrou com o conde da Taipa; e foi ali que este official, preoccupado por informações inexactas, espalhou as noticias mais aterradoras da situação do exercito constitucional. Se o marquez de Palmella tivesse feito o que devia, e até o que era obrigado como commandante em chefe, ou teria empregado logo a severidade das leis militares, ou, zombando dos *agouros* do conde, marcharia immediatamente para diante, afim de animar os soldados, e vêr com os seus olhos quaes erão os motivos d'este panico terror. Estes motivos, segundo constou, reduzião-se á insignificante circumstancia de se ter espalhado que alguma cavallaria inimiga tinha atravessado o Vouga, e tomado a estrada que vai entre aquelle rio e o Douro. Assim, esta idéa fatal, de que fracos ou mal intencionados já se tinhão servido em Coimbra, isto he, o boato estupido de serem cortados, aqui se tornou a espalhar; e foi elle bastante, para, sem mais nenhum exame, se começar a pôr tudo

em confusão, começando pela propria pessoa do general marquez de Palmella. E tal foi esta confusão, que a fama espalhou, que elle immediatamente se quizera retirar para o Porto; e que só por algum tempo fôra sustido pelo general Saldanha, que ainda pôde conseguir que elle désse alguns passos para a frente, passos que fôrão bem curtos. A nova e frivola razão, que o marquez teve para não avançar para a frente do exercito, foi o encontrar um sargento do 10 de infantaria e alguns milicianos que, possuidos do mesmo espirito fantastico, de que se tinha apossado o conde da Taipa, lhe contárão a mesma historia de um supposto flanqueamento; e então não houve consideração que o movesse, e se pôz em retirada para o Porto.

A subita entrada do marquez-general na cidade do Porto causou todo o espanto e desalento que erão de esperar de similhante procedimento; e desde logo se começou a dar tudo por perdido. O exercito continuou na sua retirada sem ser molestado, apesar de todos os terrores do imaginario flanqueamento, e sempre em consequencia das primeiras ordens da junta dadas, conforme se affirmou, ao general Saraiva para retroceder sobre o Porto; e nem o general nem pessoa alguma encarregada por elle se pozerão á sua frente, deixando-o completamente entregue a seus proprios destinos. No dia 30 acampou elle em Grijó na distancia de 3 legoas do Porto,

e debaixo da bem triste e notavel circumstancia de que os soldados vinhão *sem polvora*, *e sem çapatos*! Tal era o cuidado que a junta, *abundando em dinheiro*, tinha d'esta valorosa tropa, tão digna de ser commandada e regida por homens que tivessem os nobres estimulos da honra e do valor! N'esse mesmo dia ainda ali appareceo rapidamente o marquez-general, mas voltou logo para a cidade: os ares de um campo militar não convierão nem á sua resolução, nem á sua politica. No dia primeiro de julho acampou todo o exercito em Santo Ovidio, já á vista do Porto, sem ter sido por modo algum inquietado pelos rebeldes; n'este dia ainda o seu general se dignou apparecer-lhe por um momento, largando-o logo para não mais voltar a elle, e se preparar para a sua infelicissima fugida.

Em toda a, verdadeiramente nova, historia d'esta campanha, sem igual em todas as campanhas antigas e modernas, he preciso não esquecer os factos seguintes: primeiro, que nem uma só proclamação, nem uma só ordem do dia se publicárão durante o seu infeliz commando; segundo, que n'esse mesmo dia se ignorava não só a posição do inimigo, mas a sua real e verdadeira força. Assim, he facil de vêr com que inepcia ou com que calculo se preparava já a ultima catastrophe, que era a fugida do general e seus socios, e o desamparo e entrega de tão valen-

tes soldados, e de tão briosa cidade, como a do Porto, a todos os furores e a todas as vinganças do usurpador, e seus janisaros. Com todas as forças intactas de Coimbra, e com todas essas que havia na cidade e suas visinhanças nada se tentou, nada se fez, e nada se procurou arriscar, vendo-se a timidez e a cautéla com que marchava o inimigo, que, a ter pela frente outro homem, deveria ali encontrar a sua sepultura.

Já no mesmo dia 1.° de julho o marquez quiz embarcar de noite, segundo o declarou em uma conferencia que teve no seu quartel, a que assistírão os generaes Saldanha e conde de Villaflor; Candido José Xavier e o coronel Rodrigo Pinto Pizarro. Foi porém ainda então demorado por algumas razões que se lhe derão, e permittio que o general Saldanha fosse na manhã seguinte fazer um reconhecimento, e saber ao certo a posição do inimigo. Os principaes motivos, que ali dêo para pôr em pratica a sua resolução de embarcar e fugir, fôrão: que a junta tinha perdido tudo pela sua inactividade, e pelas *mal concebidas ordens* que havia dado ao general Saraiva; e por tanto, que já não restava outra alternativa senão a de fugir, *e quanto antes*. Com effeito, similhantes motivos não abonão as intenções do general; porque se a junta tinha perdido tudo, qual era a razão porque elle não tinha procurado remediar os seus erros, estando ainda tanto a tempo pa-

ra o fazer? Desde o dia 26 de junho, em que desembarcou no Porto, até o 1.° de julho vão cinco dias; e não erão estes mais que sufficientes, se houvesse resolução e boa vontade, para reunir todas as forças, que estavão na cidade ou suas immediações, e juntas estas com as tropas que se retiravão, sempre victoriosas, marchar á sua frente contra os rebeldes? Porém que fez elle? Mostrou uma irresolução ou uma inepcia sem exemplo; e não só se não aproveitou d'este recurso, que era certissimo, em seus bons effeitos, mas ainda não se aproveitou da grande força moral que a sua chegada e a de seus companheiros tinhão dado á revolução e ao exercito. Em verdade, este comportamento do marquez de Palmella, que, para maior desgraça e deslustre seu, ousou tomar o commando do exercito, preterindo dous tenentes-generaes, o conde de S. Paio, e o general Stubbs, e só para macular a sua fama, foi o mais desastroso de quantos se podem imaginar! Se elle tivesse feito tudo o que podia como general e decidido cidadão, e depois de tudo fosse mal succedido, cedendo ou á força ou á sua fortuna, sería n'este caso desculpavel, e não mereceria a publica censura; porém o não ter feito nada, e o ter só dado provas ou de incapacidade, ou de irresolução, ou de falsa politica, são cousas estas, que não podem honrar nem a sua pessoa nem a sua memoria, porque d'estes actos procedêrão directamente

depois todas as desgraças com que uma usurpação sanguinaria e feroz dessolou e devorou a nossa infeliz patria.

O general Saldanha fez, com effeito, um reconhecimento na madrugada do dia 2 de julho, e apenas encontrou em Grijó uma pequena avançada do inimigo que logo fugio; e ali soube que toda a força dos rebeldes se estendia desde Oliveira de Azemeis e Santo Antonio da Arrifana até Ovar: tão pouca vontade trazião elles de se aproximarem ás tropas constitucionaes. Esta noticia, que devia reanimar o abatimento ou indifferença do generalissimo, e resolvê-lo a tentar alguma cousa, como diz o general Saldanha na sua defeza que lhe propozera (*m*), foi pelo contrario um incentivo de mais para apressar a sua fugida; porque na presença dos generaes Stubbs e conde de Villaflor, e de Candido José Xavier tornou a protestar ao mesmo general Saldanha que n'aquella mesma noite se hia embarcar; e convidou a todos para o seguirem.

Em quanto n'este dia fatal, e de summo desdoiro para todos os que n'elle figurárão, sim, em quanto no ominoso dia 2 de julho de 1828 o marquez de Palmella se estava preparando para fugir do logar do qual se não devia retirar senão como brioso soldado ou homem resoluto, tam-

(*m*) Observações do conde de Saldanha, pag. 10.

bem a junta provisoria, certamente já de acôrdo com elle, se dispunha a toda a pressa para tomar o mesmo exemplo. Para este fim ás duas horas da tarde fôrão convocados todos os que tinhão vindo de Londres, e se destinou uma sessão extraordinaria da mesma junta. A abertura solemne d'esta sessão se fez por um longo discurso do desembargador Moraes Sarmento; e todo elle consistio em querer provar, por longas frases, que tudo estava perdido, e em consequencia d'isto que a junta se hia dissolver e embarcar, deixando por unicas providencias que as tropas fiéis se retirassem para a Galliza. Consta que poucos debates houve sobre isto, porque, senão todos, a maioria já estava bem disposta para a fugida. O que porém até agora se tem sómente posto em duvida, e não se tem completamente aclarado, he se na verdade se decidio, que logo se marchasse em direitura para a Galliza, ou se este recurso se tomaria só quando estivessem perdidas todas as esperanças, e já não fosse possivel resistir ás forças rebeldes. De summa importancia se tem tornado esta questão, porque sobre ella funda o general Saldanha a sua defeza, apoiando-se na primeira parte, isto he, na immediata retirada das tropas constitucionaes para fóra do reino; ao mesmo passo que outros affirmão, que a dita retirada só fôra condicional, ou só no caso de grande infelicidade, e como ultimo recurso,

depois de esgotados todos os meios de defeza e resistencia. Seja porém o que fôr; o que se vê em toda esta resolução he o descredito que a junta sobre si accumulou, dissolvendo-se e fugindo sem nunca dar um só passo para realisar o impulso que havia dado á nação; sem nunca arriscar um combate; e deixando apoz de si milhares e milhares de victimas entregues, por sua inhabilidade, a todas as vinganças do usurpador e seus satellites: acção, na verdade mui feia, e imperdoavel; porque se não se considerava com resolução ou com talentos para emprender obra tão nobre, ou nunca a devia ter tentado, ou ter vencido ou morrido com ella.

N'esta confusão geral, filha do medo e do mais vergonhoso desalento, consta que o honrado desembargador Vellez Caldeira rogára ao general Saldanha se quizesse encarregar do commando da tropa, porque era natural que, vendo-se ella sem chefes, e sabendo como todos fugião, immediatamente se debandaria, e nem um só soldado entraria na Galliza. Ao mesmo tempo se perguntou se alguns dos membros da junta quererião ficar com o general e com o exercito; e á vista d'esta proposta o coronel Gama Lobo e o doutor Joaquim Antonio de Magalhães se offerecêrão para isto. Se tivesse havido resolução, valor, e até alguma disposição para ganhar a maior gloria que póde haver, isto he, a de salvar a patria, e de-

fender a liberdade, nenhuma occasião poderia encontrar melhor do que esta o general Saldanha; porém elle deixou perder este momento precioso, e lançou sobre si uma nodoa que só um grande arrependimento, ou ainda grandes serviços podião disfarçar (*n*). Acceitou elle, com effeito, aquella honrosa commissão; mas dirigindo-se ao campo, e convocando um conselho militar, n'elle expôz que tinha ordem da junta para commandar a tropa e a conduzir para a Galliza. Os bravos e valentes officiaes, que tão inesperada proposta ouvírão, ficárão com ella assombrados, e como soldados de brio e valor, todos unanimemente respondêrão que, não querião fugir; mas que estavão promptos a ir bater-se com os rebeldes, e que não fazião tão vil e vergonhosa retirada sem primeiro terem tentado a sorte das armas.

Qualquer que tivesse sido a ultima resolução da junta, e quer ella tivesse decidido, que a divisão constitucional se dirigisse immediatamente para a Galliza, quer que tentasse primeiro uma resistencia, e só em ultimo recurso se tomasse aquella deliberação, o que convinha em todo o caso era aproveitar as excellentes e determinadas disposições dos officiaes e da tropa, e lançar-se quanto antes sobre os rebeldes. O gene-

(*n*) Com effeito seus grandes serviços futuros, de que ainda hei de fallar, apagárão bastantemente essa nodoa; e felizmente na mesma heroica cidade do Porto.

ral Saldanha tinha na realidade acceitado o commando, ou este lhe tivesse sido conferido vocalmente ou por escripto, porque he n'esta qualidade, positivamente reconhecida por elle, que se dirigio ao campo, e fez a proposta aos officiaes: então porque se não aproveitou do bom espirito e determinação da tropa, e não marchou com ella direito ao inimigo? Ainda quando o mesmo general tivesse feito de boa fé aquella proposta, e julgasse n'aquelle caso dever cumprir com as ordens da junta, na supposição que taes fôrão, vendo agora a nobre e heroica resolução dos officiaes e soldados, devia aproveitar-se d'ella, e dizer-lhes: = camaradas! eu só vos fiz esta proposta para experimentar o vosso valor; e como vejo que elle he tal como sempre o esperei de tão briosos soldados, não pensemos mais na Galliza, mas sómente nos rebeldes que são os inimigos das nossas liberdadas: vamos a elles, camaradas, marchemos. = Este, ou outro qualquer discurso similhante, de certo havia de ser recebido com o maior enthusiasmo; e com tal tropa o general Saldanha havia de ser invencivel.

Mas este general perdeo a melhor occasião, que a fortuna lhe podia deparar, que foi a de se immortalisar, salvando a sua patria do poder de um tyranno. Nenhumas das suas desculpas podem ser admittidas, porque todas são frivolas, e desmentem o caracter

de todo o homem, que aspira a ganhar nome por bellas e magnificas acções. Diz o general Saldanha na sua defeza, que *tinha promettido* tanto em Londres como no Porto ao marquez de Palmella o não fazer senão o que em commum fosse determinado; e como na junta se decidisse *expressamente*, que elle conduzisse a tropa para a Galliza, e esta não quizesse tomar similhante direcção, se tivera então por desobrigado do commando, e tomára o caminho dos fracos, correndo a ir-se refugiar com elles no ominoso *Belfast*. Supondo porém ainda que em casos taes elle fosse obrigado a guardar a sua palavra, todas as circumstancias do tempo em que elle a tinha dado havião inteiramente mudado: já não havia general em chefe, já não havia junta; e tanto um como outra tinhão desapparecido: em uma palavra, já o generalissimo e a junta se tinhão dissolvido, e havião fugido, desamparando uma causa pela qual todos erão obrigados a dar o sangue e a vida. E n'este caso podião ainda tanto elle como ella exigir obediencia do general Saldanha? Em que codigo militar ou civil está escripto, que um general, que foge e larga o commando, e uma junta, que tambem foge, e voluntariamente se dissolve, possão fazer testamento, e exigir com justiça que suas ultimas vontades se cumprão? Com a fugida do commandante e da junta ficou o general Saldanha desobrigado de quantas pro-

messas, ou boas ou más, podesse ter feito; e a elle só então, como general em chefe, por ter acceitado este posto, competia dirigir todas as operações militares, sem responsabilidade para os que já tinhão fugido. Além d'isto, elle tinha dous socios comsigo, que formavão com elle o unico governo que restava: porque os não consultou, e deliberou com elles ácêrca das medidas que se devião tomar, á vista da nobre e briosa resolução da tropa? Mas elle nada d'isto fez, porque, sem consultar os seus collegas, se contentou com se despedir d'elles por uma carta, e desamparou tão valentes soldados, que nada mais querião do que vencer ou morrer por tão santa e honrada causa.

Com a fugida do unico homem, que ainda podia salvar a causa publica no seu extremo perigo, tudo desanimou, e tudo se perdeo: os seus collegas Gama Lobo, e Magalhães seguirão-lhe o exemplo, e logo cuidárão tambem em se embarcar. Por esta fórma, todos, como á porfia, desemparárão um exercito valente, que nada mais queria do que ir medir-se com os inimigos. Os officiaes de tão briosa tropa ainda mandárão uma deputação ao general Saldanha (*o*), que já se achava a bordo do *Belfast*, protestando-lhe, que estavão promptos a obedecer-lhe e a segui-lo para toda a parte; mas dizem que lhes

(*o*) Compunha-se ella do general Saraiva, coronel Torres, e major Xavier.

fôra impedido fallar ao general com o pretexto de que estava dormindo, ou porque de proposito se fingia que o estava. Como he, porém crivel que em tão circumscripto espaço não podessem chegar até onde elle estava, ou não procurassem fazer diligencias para o conseguir, resistindo ás insinuações de quem assim lh'o procurava impedir? São todos estes episodios altamente mysteriosos; e o certo he, que os mesmos deputados se deixárão tambem ficar a bordo, e não voltárão á terra com a resposta, obrigados talvez a parteciparem de todo o desdouro dos fugitivos, e a deixarem expostos a todos os perigos os seus briosos companheiros de armas. Assim n'este fatal dia de 2 de julho de 1828 se consumou o grande delicto politico do assassinio da gloriosa revolução do Porto; e para Inglaterra voltárão os auctores, levando a bordo do ominoso *Belfast*, além da carga que tinha trazido, outra ainda mais enorme e pesada, qual foi a responsabilidade do immenso mal que fizerão, marcados perante a historia, que ficou livre para imparcialmente os julgar.

Se a mesma historia se contentasse de narrar simplesmente os factos sem indagar as causas que os produzírão, viria ella a ser unicamente uma pura taboa chronologica de que nenhuma, ou bem pequena instrucção se podesse tirar para o futuro: em consequencia d'isto necessario he que se indaguem os mo-

tivos que dirigírão os homens influentes em todas as épochas notaveis. N'esta épocha nenhum foi mais influente do que o marquez de Palmella, e ninguem mais do que elle concorreo para os fataes successos que n'ella se passárão, particularmente n'este periodo; e por isso com *verdade* e clareza exporei aqui as razões, que me pareceo o movêrão a figurar, como figurou, n'este acontecimento desastroso, sem intenções nem de o calumniar, nem de ser seu panegyrista.

Attribuio-se geralmente o comportamento, que o marquez teve no Porto, a ser elle um inimigo declarado dos governos constitucionaes; e um dos fundamentos que se dava para esta opinião era a indisposição que tinha mostrado contra o systema politico do anno 1820. Eu porém, que mais que tudo amo a verdade, não sou exactamente d'essa opinião; e a outras causas não duvido attribuir a grande parte que elle teve nos successos d'esta época. O systema do anno 20 não agradou, he verdade, ao marquez tanto pela natureza d'elle, como pelas pessoas que o representárão; e sou mesmo de parecer que estas fôrão as que tiverão maior pêso nas suas deliberações. Aquelle systema excluia a alta nobreza da partecipação directa nos negocios publicos, não admittindo o *pareato*; e isto era bastante para que elle o reprovasse; mas assim mesmo a perseguição que soffreo por parte do governo e côrtes d'aquelle tempo

concorreo mais poderosamente para a opposição que elle lhe fez do que a mesma natureza do systema; e tanto isto me parece verosimil, que quasi me atrevo a affirmar, que se tivesse sido convidado por ellas para ter uma parte distincta na administração, teria elle sido um dos seus principaes apoios. O conhecimento que tenho do seu caracter não me deixa a mais pequena duvida sobre esta minha asserção.

A outras causas he preciso, por tanto, attribuir o comportamento de Palmella; e estas fôrão, segundo me parece, ter-se elle assustado com o caracter da revolução do Porto, assim como o ter-se deixado illudir pela politica do gabinete Inglez, que n'aquelle tempo tinha por chefe lord Wellinghton. Assustou-se com a revolução não só porque a vio apparecer n'aquella mesma cidade onde já tinha apparecido a de 1820, e se persuadio que poderia agora tomar o mesmo caracter, mas ainda porque a vio creada e sustentada por homens que não erão da sua cathegoria, e de quem conseguintemente receou os principios politicos. Além d'isto, a idéa de que tornaria a ser excluido da direcção dos negocios publicos, como já o tinha sido na época antecedente, era motivo sufficiente para que não só não gostasse que ella progredisse, porém que trabalhasse para que não tivesse effeito. Foi illudido pelo ministerio Britanico, porque certamente se persuadio que elle, folgando

de annullar a revolução popular do Porto, nunca ousaria proteger descaradamente a usurpação de D. Miguel, e a completa quéda da carta constitucional, uma vez que elle e ella debaixo de seus auspicios tinhão entrado em Portugal. Em verdade, não me posso persuadir que o marquez de Palmella tivesse sequer a idéa de que podia ter ainda cabimento com D. Miguel, não só pelo que já tinha experimentado por parte d'elle em 30 de abril de 1824, mas ainda pela tão recente declaração que tinha feito em Londres, despedindo-se do serviço do usurpador. Logo he muito natural, e he de crêr, que nas circumstancias em que se achava quizesse abrigar-se á sombra da carta, porém por tal modo, que elle fosse como um dos tutores da mesma carta, e recebesse, por assim dizer, essa mesma tutoria das mãos do gabinete Britanico, que n'esta épocha hia completamente de acôrdo com o gabinete Francez. Esta esperança podia, com effeito, ser filha de um raciocinio que enganou a muita gente, e até de opiniões diametralmente oppostas; e foi elle: que as nações, que havião reconhecido D. Pedro, e em consequencia d'este reconhecimento havião mandado retirar de Lisboa os seus ministros assim que D. Miguel mostrou os primeiros symptomas da sua proxima e decidida usurpação, havião tambem de ser as primeiras em concorrer para expulsar o usurpador. Por este modo parecendo-

lhe certo o resultado da revolução do Porto pelas circumstancias que a tinhão precedido, e persuadido tambem que n'isto agradava ás potencias estrangeiras, e com especialidade á Inglaterra, parece verosimil que, levado d'estas idéas, procurasse esfriar todo o enthusiasmo popular, não só porque isso era conforme com as suas proprias opiniões, mas com as dos gabinetes estrangeiros, de quem elle esperava todo o apoio para dirigir e governar a mesma revolução. E he bem natural que mostrando a esses gabinetes quaes erão os seus principios politicos, e como trabalhava para dar a aquella revolução uma marcha que em nada parecesse popular, ou *republicana*, como a de 1820 tinha sido caracterisada, por fim se chegasse a convencer, de que n'elles encontraria todo o auxilio para n'ella tambem fazer a figura principal.

Além dos motivos que tenho exposto, filhos das opiniões e raciocinios, que provavelmente influirião no marquez de Palmella para tomar no Porto a infeliz resolução que tomou, parece-me que não hirei muito longe da verdade se disser que ella foi tambem uma consequencia de planos ajustados com o gabinete Inglez, no qual então figuravão os dous homens, Wellinghton e Aberdeen, que tão insignes depois se fizerão a favor da causa da usurpação de D. Miguel. Não he crivel que o marquez, com a intimidade que tinha com o gabinete Britanico, se atrevesse

a ir para o Porto sem ter combinado com elle as suas operações; e não he tambem crivel, que o mesmo gabinete o excitasse a auxiliar e promover a revolução; mas antes, pelo contrario, he quasi de evidencia, que as suas inspirações, ou antes as suas ordens positivas, fossem as regras pelas quaes o marquez se dirigio. Tudo o que se passou anteriormente á sua partida, os passos que logo se derão em Londres para impedir a rapida sahida do general Saldanha, e as demoras, que houve até a fatal sahida do *Belfast*, mostrão que havia já uma combinação antecipada, á qual o ministerio Britanico não podia ser estranho. Saldanha, apenas a revolução do Porto se soube em Inglaterra, foi logo convidado não só pelo ministro do Brasil, visconde de Itabayana, porém por alguns dos seus amigos para immediatamente partir, sem esperar por ninguem: o resultado porém foi que, dando antes ouvidos ás insinuações de Palmella do que ás vozes e instancias dos amigos (*p*), logo desde Londres se preparou para deixar fugir a fortuna, que tão de perto o procurava para o fazer o maior homem da sua patria. Ao mesmo tempo o marquez, cu-

(*p*) Estes, e entre elles o meu bom amigo, o sr. *Custodio Pereira de Carvalho*, apromptando-lhe tudo, e convidando-o a partir immediatamente, recommendárão-lhe que nada partecipasse a Palmella; elle porém teve a indiscrição de lhe revelar o segredo, e desde logo se pôz tudo em obra para fazer com que não partisse, e elle obedeceo!

jo verdadeiro posto era em Londres, como ministro reconhecido do rei legitimo, mostrou logo a intenção de fazer aquella viagem, que nem como militar nem como diplomatico tinha necessidade de emprender. E que motivo podia haver para isso? Não houve outro senão impedir que Saldanha ficasse em liberdade para se ir pôr á frente da revolução, para a qual a voz publica então unanimemente o chamava. E que este fosse um dos motivos principaes que induzírão Palmella a tentar a viagem do Porto, parece ser de toda a evidencia, porque consta, que um dos seus companheiros de viagem, e iniciado em todos os segredos da expedição, o célebre Candido José Xavier (*q*), dissera então diante de alguem que o ouvio: = *que era melhor que D. Miguel se conservasse na usurpação do que vêr o general Saldanha á frente dos demagogos de* 1820. = Ora bem sabido era, que já em 1827 Saldanha tinha perdido a pasta da guerra pelas intrigas do gabinete Inglez, fomentadas e sustentadas pela ministro *Acourt*; e que n'esse mesmo tempo só era designado como chefe do partido republicano: assim que dúvida póde haver em que agora, não se podendo impedir a sua hida para o Porto, se procurasse neutralisá-la, pondo-lhe ao lado

(*q*) Era este o mesmo homem, a quem os taes demagogos de 1820 tinhão livrado da forca, porque era um dos condemnados á morte por ter entrado em Portugal com o exercito Francez de Massena.

o marquez de Palmella, e insinuando-lhe, que tomasse o commando do exercito? Todas estas conjecturas são tão fortes, que, se não são de todo verdadeiras, mui de perto se aproximão á verdade.

Tendo-se conseguido impedir que Saldanha immediatamente partisse para o Porto, a quem seus amigos davão embarcação e dinheiro; e resolvido já que Palmella sería da viagem, mostrou este logo que não tinha pressa de partir, porque tanto em Londres como em Falmouth se demorou ainda muitos dias. Os motivos para esta demora podem muito bem ser conjecturados pelas circumstancias do tempo, e pela marcha politica que então seguião os gabinetes nossos inimigos, a quem o marquez não queria desagradar. Primeiramente não he natural que elle tivesse grandes desejos de se ir expôr aos perigos que podia correr a revolução, e he de presumir que, tendo já de antemão dado instrucções á junta, quizesse, antes de partir, saber em que estado estavão os negocios; e no emtanto se demorava a hida do Saldanha, pois que ella se não podia impedir. Pela demora emfim se conhecião dous resultados importantes, que convinha saber, e erão elles: ou os patriotas do Porto, bem succedidos, já estavão em Lisboa, ou a revolução tinha falhado nos seus fins, e nada havia já que fazer. No primeiro caso, chegando o marquez a Lisboa quando tudo já estivesse concluido,

tinha toda a probabilidade de dirigir ali toda a nova administração, escoltado, como he provavel que fosse, de todas as recommendações do gabinete Inglez. No segundo, via cumprido o desejo que tinha a politica Europea de vêr falhar a nossa tentativa, e ao mesmo passo lhe restava sempre a esperança de que a mesma politica havia de pôr embaraços á temeraria resolução de D. Miguel, e que para este fim provavelmente havia de ser elle o seu agente confidencial. Comtudo, que o marquez por um momento se persuadio do bom exito do negocio, e de que elle hia gosar sem perigo dos fructos da victoria, parece não ser esta uma leve conjectura, porque o facto de ter mandado chamar da Belgica o barão de Rendufe para o acompanhar, indica que dava o negocio como feito. Na verdade, o chamamento e qualidade d'este homem sobejamente indicão que Palmella já dava a causa por concluida ou quasi concluida quando chegasse ao Porto, porque tendo já escolhido para levar comsigo um experimentado ministro da guerra, que era Candido José Xavier, escolhia ainda outro de grande fama, como intendente da policia, o qual tinha servido no seu ministerio de 1823.

Depois de muitas demoras, e muitos preparativos, o barco de vapor que se escolheo, e cujo nome historico he *Belfast*, parece ter sido o mais proprio que se podia a-

char para uma tal commissão; porque, segundo ouvi dizer, não era possivel ter escolhido embarcação peior, isto he, mais ronceira, e que como tal fosse mais adequada para retardar a viagem, porque esta foi longa, e dêo todos os indicios de que não havia vontade de a fazer breve (*r*). Na chegada ao Porto já se disse, como todas as medidas que se tomárão, ou todas as providencias que se derão, longe de concorrerem para um bom resultado, antes parecêrão systematicamente dirigidas para o tornar infeliz, como na realidade foi. Com effeito, a escolha que se fez do marquez de Palmella para general em chefe; a pouca ou nenhuma deliberação que elle tomou no seu commando; a desastrosa resolução que depois se tomou de largar tudo sem tentar uma unica acção; e emfim o precipitado embarque, ou antes a precipitada fuga, que todos fizerão, a junta, e os generaes de nome, sobejamente indicão, que para tudo isto havião causas occultas, que operavão debaixo de um plano anteriormente combinado.

As principaes causas, por tanto, que

(*r*) Este defeito da embarcação, se assim se póde chamar, porque parece era antes a bella qualidade que d'ella se exigia, foi, segundo constou, amplamente compensado pela abundancia e luxo de mêsa, assim como pelo requinte de todas as commodidades para os passageiros. Os vinhos que se metêrão a bordo fôrão os mais finos e os mais caros; e houve tal que se chegou a enjoar com tanta profusão de *champanhe*, e outras bebidas delicadas.

racionavelmente se podem dar para o infelicissimo fim que teve a revolução do Porto, tambem se podem reduzir ás seguintes. 1.ª A inhabilidade e irresolução da junta, que talvez ajudadas por inspirações externas, tudo paralisárão sem dar um só passo judicioso e decisivo para executar a grande obra de que a mesma junta se tinha encarregado. 2.ª A irresolução do general Saldanha, que nem sahio immediatamente de Londres, quando para isso o visconde de Itabayana e os seus amigos o convidavão, nem depois no Porto teve a nobre ousadia de se pôr á frente da valorosa tropa, que, debaixo das suas ordens, estava determinada a vencer ou morrer. 3.ª A hida do marquez de Palmella, e todos os actos que tanto em Londres como no Porto executou para se paralisar a empreza. 4.ª A influencia, emfim, que n'este negocio certamente teve a politica Britanica, de quem o marquez foi o instrumento, talvez um pouco innocente, pois se deixou illudir com falsas promessas ou com falsas esperanças. Que n'estas suas operações entrava com toda a probabilidade a falsa persuasão de que só por intervenção dos gabinetes estrangeiros he que se devia ou podia pôr termo á usurpação de D. Miguel, manifesta-se isso com toda a clareza pelo artigo de uma gazeta Portugueza (*s*), que depois se publicou em Plymouth quan-

(*s*) O *Portuguez Emigrado*, obra que se dizia ser do padre Marcos.

do ali estava o deposito dos emigrados Portugueses. Em uma das suas folhas, então influidas por Candido José Xavier, um dos iniciados nos mysterios politicos do tempo, se escreveo, e disse positivamente: „ — *que as* „ *cousas do Porto tinhão acabado como devião* „ *acabar*; *porque não das armas, porém da* „ *cooperação da politica Europea he que se de-* „ *via esperar toda a mudança em os negocios* „ *de Portugal.* " He, por conseguinte, da ultima evidencia, que estes erão tambem os pensamentos do marquez de Palmella, que pelos seus actos anteriores e subsequentes bem positivamente o declarou. Em ultimo resultado, as caûsas principaes, pelas quaes se dirigírão e regulárão todas as operações militares e politicas no Porto, parecem ter sido as seguintes: — a persuasão e a esperança de que os gabinetes estrangeiros havião de tomar a seu cargo o castigo da usurpação, bem como o restabelecimento do throno legitimo, e da carta. Se, além d'estas, houve outras causas, e essas pessoaes, as mais poderosas fôrão as indicadas, ás quaes todas as outras devem ser subordinadas.

Embarcada que foi a junta provisoria com o seu general em chefe, e com todos os mais generaes e pessoas influentes, achou-se a briosa, e sempre leal divisão das tropas constitucionaes entregue completamente a seus destinos. Então os officiaes, que restavão, sempre fiéis ás suas bandeiras, não vendo dian-

te de si senão mil obstaculos e mil difficuldades, e receando mais que tudo a deserção da tropa, tão incomprehensivelmente desamparada, tomárão emfim a resolução de se dirigirem para á Galliza como ultimo recurso a seus infortunios, e como um acto de verdadeira desesperação. No meio d'este geral abandono em que ficou tão valorosa tropa appareceo, comtudo, ainda um homem que se quiz sacrificar por ella, e dar um exemplo de firmeza, e de caracter, que tantos outros, em melhores circumstancias, não se atrevêrão a dar. Foi este benemerito e honradissimo homem, o brigadeiro *Joaquim de Souza Pizarro*, o qual, ajudado pela energica constancia do valente major, *Bernardo de Sá Nogueira*, tomou o commando em tão difficeis e perigosas circumstancias. A divisão, já no meio dos inimigos, e d'essa audacia feroz que lhes inspirava a vergonhosa fugida da junta provisoria, e de todos os generaes que tinhão obrigação de a commandar, mostrou-se ainda digna da briosa causa que defendia; porque, retirando-se debaixo de tão infaustos auspicios, sempre repellio vigorosamente os rebeldes, particularmente no combate de Braga.

No dia 6 de julho entrou a divisão no territorio Hespanhol, e esperando encontrar ali hospitalidade e bom acolhimento, só achou nas auctoridades Hespanholas insultos, e máos tratamentos. Talvez um dos grandes erros,

que commetteo o brigadeiro Pizarro, fosse o ter entregado immediatamente as armas sem primeiro ter uma garantia de segurança para as tropas que commandava; porém de certo o seu erro procedeo da muita confiança que pôz na honra e lealdade Hespanhola; e da persuasão que teve de que, desarmando-se, não causaria ciumes alguns, e ganharia com isto uma leal protecção, e uma sincera hospitalidade. Enganou-se comtudo, porque como o vissem desarmado o accommettêrão então aleivosamente com toda a qualidade de máos tratamentos e insultos, chegando a tanta baixeza, que lhe roubárão não só a publica propriedade, mas até a dos particulares, aos quaes mesmo se tirárão os cavallos em que hião montados. Além do roubo, empregarão-se ainda ali todas as intrigas e todas as seducções para desmoralisar a tropa, e a fazer desertar para as bandeiras do usurpador; e para isto ou a separárão dos seus officiaes, ou a tentárão com as perfidas e lisongeiras esperanças de perdão se voltassem para Portugal. Apesar d'isso, aqui he que se vio qual era o espirito d'esses briosos soldados, que tão tristemente se tinhão abandonado; porque pela maior parte se conservárão constantes na sua fidelidade, e preferírão a fome, os insultos, e todos os mais rigorosos trabalhos a quantas promessas e a quantas tentações lhes offereceo a perfidia. Nem tambem deve esquecer o heroico feito, e a honrosa

resolução que tomou o valente e leal regimento 18. Vendo-se sem os seus officiaes, de quem barbara e violentamente o tinhão separado para melhor o poderem seduzir, os proprios soldados, por um unanime consentimento, de entre si escolhêrão um dos seus camaradas para que supprisse essa falta, e fosse o seu commandante (*t*): raro, e magnifico exemplo de lealdade e disciplina; e exemplo, que nunca deve esquecer, pois que he tal, que até honraria uma d'essas valentes legiões de Roma, conquistadoras do mundo!

Como he necessario que a historia seja um verdadeiro reportorio das cousas e dos homens do tempo a que ella se refere, mencionarei aqui uma parte dos insultos e violencias que os nossos valorosos soldados; assim como os leaes e constantes cidadãos, que os acompanhárão, soffrêrão na Galliza; e com especialidade apontarei o nome d'esse homem brutal, que foi o principal instrumento de todas essas indignidades e baixezas, extrahindo tudo o que vou dizer da representação que o mesmo brigadeiro commandante, Joaquim Pizarro, dirigio ao governo de Hespanha do sitio de Monforte de Lemos aos 25 de julho de 1828, e foi transmittida a elrei

(*t*) O nome d'esse soldado he *Antonio Pereira de S. José*, o mais antigo então no regimento. Tinha feito todas as campanhas da Peninsula. Ficou servindo de coronel, com 10 outros camaradas para commandar as companhias.

por meio de um de seus ministros d'estado, D. Francisco Thadeo Calomarde.

Chegárão os emigrados Portuguezes, tanto militares como paizanos, no dia 10 de julho ao campo de S. Martinho d'Araujo já meios roubados, e completamente desarmados; e ali foi que se lhes apresentou o infame D. *Manuel Ignacio Pereira*, delegado pelo capitão-general para a recepção e direcção da tropa e emigrados, o qual praticou para com elles os mais escandalosos e inauditos vexames, e espoliações, que he possivel descrever. Tirou este esbirro, com o nome de coronel, os cavallos á tropa Portugueza, e não só os dos soldados, mas até os mesmos que erão pessoal propriedade dos officiaes de cavallaria, de infantaria, do estado-maior, e dos paizanos emigrados. Não poupou tambem esse vilissimo homem nem os proprios cavallos do brigadeiro commandante; de nenhuns quiz passar relações nem recibos, apesar das reclamações e protestos do mesmo commandante; e dos melhores se aproveitou para seu proprio uso, não tendo pejo de apparecer montado n'elles, como ladrão descarado, e distribuindo outros pelos officiaes de infantaria, e soldados de cavallaria Hespanhola. Tirou aos diversos corpos suas bandeiras, boticas, secretarias, cofres, e mais utensilios; separou dos soldados os seus officiaes, e officiaes inferiores, para por si e por seus agentes os poder melhor sedu-

zir; insultou pessoalmente o proprio brigadeiro commandante com as mais grosseiras expressões; praticou o mesmo com muitos officiaes, ameaçando-os até com a morte, sem que para nada d'isto fosse provocado; e emfim prendeo alguns, puxou covardemente da espada para outros, e até chegou a sua brutal violencia a dar com a sua propria espada em um official desarmado.

Não satisfeito ainda com estes roubos foi o mesmo infame coronel postar-se na ponte de Sales sobre o rio Lima, e depois na ponte Pedrinha, e á proporção que os Portuguezes hião passando ali os hia espoliando das cavalgaduras particulares que havião escapado ás suas primeiras rapinas; roubando indistinctamente bestas de sella ou de bagagem, com tanto que lhe agradassem; e deixando só passar as poucas que de nenhum valor lhe parecião. Assim, por esta brutalidade inaudita, muitas pessoas delicadas, e até mulheres de officiaes, fôrão deixadas a pé n'estes logares desertos; e muitas bagagens fôrão abandonadas; em quanto este verdadeiro salteador, com o nome de coronel *Pereira*, se appossava de todas estas cavalgaduras, ou as destribuia ali mesmo aos Hespanhoes que o acompanhavão. Taes excessos, misturados com os mais baixos insultos pessoaes, e taes roubos, praticados com mão armada sobre homens, que buscavão hospitalidade, e voluntariamente se tinhão desar-

mado para que seus intentos não fossem duvidosos, nunca, por certo, tiverão exemplo em nação alguma civilisada; e só este novo exemplo de perfidia estava guardado para um homem tão vil e covarde como esse infame coronel *Pereira.* E para que nenhuma infamia, e nenhum roubo elle deixasse de commetter, quer publico, quer particular, no dia 11 do mesmo mez, e ainda no mesmo acampamento, roubou as chaves dos cofres da thesouraria militar; e com isto completou todas as suas perfidias, porque os commissarios ficárão desde logo inhabilitados para poderem fornecer de víveres os soldados, do que resultou ficarem tambem estes logo expostos a todos os horrores da fome e da miseria. Em poder do mesmo coronel salteador ficárão os ditos cofres militares, pelos quaes se tornou responsavel, assim como o governo Hespanhol para com o legitimo governo Portuguez. Por este modo a tropa e todos os Portuguezes, a ella aggregados, estiverão por alguns dias como em bloqueio, e em prisão incommunicavel, expostos a toda a qualidade de opprobrios e injurias, do que só escapárão os que, por seducção, timidez, ou falta de caracter, se tornárão perjuros á lei e ao rei, e quizerão voltar para o serviço do usurpador e do tyranno.

Depois de completamente insultados e roubados, foi permittido aos honrados e valorosos martyres da liberdade constitucional

o progredirem na sua marcha para a Corunha, d'onde depois embarcárão para Inglaterra, para ali receberem do governo Britanico uma hospitalidade, senão marcada com iguaes atrocidades, ao menos com insultos tão amargos como os primeiros; por igualmente virem do governo de uma nação, que tantos protestos vocaes hypocritamente nos faz sempre da sua antiga alliança e amisade. Mas ainda não he tempo de se exporem miudamente os acontecimentos pelos quaes, n'esta sua nova posição, tiverão que passar os emigrados Portuguezes: he este um objecto que adiante ainda hei de tratar.

Agora, antes de se concluir quanto diz respeito aos trabalhos e perigos, que passou a nossa gente em todo o seu inhospito transito pela Galliza, necessario he que se não finde esta narração sem reflectirmos ainda um pouco sobre as causas, ou os motores de tão funestissimas desgraças. De todas ellas fôrão verdadeiros causadores os membros da junta provisoria, e depois d'elles o marquez de Palmella com todos os associados influentes que levou de Londres; e este, mais que todos, se tornou responsavel por tantos males; porque teve na sua mão ou poder remediá-los, ou poder diminui-los. A influencia, que elle tinha na junta, fez crêr a todos, que a essa mesma influencia se deve attribuir, pelo menos, o ultimo desgraçado comportamento que ella teve. Consta qne com certas promessas,

ou certas esperanças a persuadíra a tomar aquella fatal resolução, porque foi voz constante que assim que chegára ao Porto logo ali lhe declarára que o governo Inglez não reconhecia a junta pela considerar como filha de uma resolução popular. As provas d'essas promessas, ou esperanças, ou terrores fundão-se em que as tropas fiéis nenhum auxilio achárão na Galliza, mas antes todos os insultos, todos os máos tratamentos, e todas as perfidias. Nem o consul Portuguez na Corunha, nem as auctoridades Hespanholas fôrão por elle prevenidas d'este acontecimento, antecipadamente resolvido; e se a final alguma protecção os desamparados Portuguezes encontrárão na Galliza foi ella devida ás partecipações que d'ali se fizerão para Madrid, e do muito que lá fez em favor d'elles o nosso encarregado, o Sñr. José Guilherme Lima. Constou ainda mais n'esse tempo que, ao arribar na Corunha, o marquez, com todos os seus fugitivos, não só não deixára recommendações algumas a favor dos valentes que se retiravão, porém manifestára ainda uma visivel e notavel tristeza ao saber que elles já tinhão entrado na Galliza (*u*). Do que, com toda a razão, se conclue, que o conselho que se dera para tão funesta retirada fôra não para que aquella valorosa tropa, e mais emigrados que a acompanhavão, effectivamente

(*u*) Se isto tudo he verdade, menos custarão a decifrar os motivos da fugida do Porto.

se salvassem em corpo na Galliza, porém para que, vendo-se desamparados, sem governo e sem chefes, completamente se debandassem, e se fossem entregar ao usurpador. A não ser isto assim, porque se não deixarião, ao menos, algumas recommendações ao consul Portuguez na Corunha, e não se terião d'ali feito alguns officios para Madrid, a fim de proteger o valor e a lealdade infelizes? Mas nem no espaço de dez dias, que estiverão na Corunha os fugitivos, se derão providencias algumas em favor de tão briosa gente, nem mesmo de Londres, ao ali chegarem, se cuidou em se lhes mandar embarcações, deixando-a em um completo desamparo, e só entregue a seus malfadados destinos. Todos aquelles martyres da fidelidade, da honra, e da liberdade constitucional só se poderão salvar, entre tantos perigos e trabalhos, por sua propria energia, e pelo honradissimo, e sempre constante caracter do nobre commandante, que heroicamente se associou a seus destinos, o illustre e mui distincto brigadeiro Joaquim de Souza Pizarro. Sem elle talvez nem um só homem tivesse entrado na Galliza; e por este modo se terião então cumprido os projectos dos inimigos da nossa liberdade.

Para consolação emfim da liberdade, opprimida mais pela inepcia ou por combinações criminosas do que pela força do poder do usurpador, appareceo aquelle homem de

grande caracter, que salvou não só a honra militar Portugueza, porém os Penates da nossa liberdade: homem, que no absoluto desamparo em que se vio a tropa foi o *unico* que, auxiliado por seu irmão o brigadeiro Gaspar de Souza Pizarro (*x*), teve a briosa resolução de se pôr á sua frente, e de a conduzir por entre mil difficuldades e perigos, que encontrou na sua marcha tanto dentro como fóra do reino, até ás praias das ilhas Britanicas (*y*). Este corajoso militar, então governador de Chaves, tendo noticia da revolução do Porto, que lhe foi communicada por seu digno irmão, o brigadeiro Gaspar Pizarro, procurou logo attrahir ao seu partido dous esquadrões de cavallaria; e com elles, atravessando as provincias de Traz-os-montes e Minho, veio apresentar-se á junta, e a fortificou com esta nova força. Apesar d'este grande serviço não se fez caso do seu prestimo, o que elle nunca levou a mal; porque se achou sempre no meio das tropas constitucionaes; seguio-as a Coimbra; e em toda a parte mostrou, que estava prompto a derramar seu sangue pela nobre causa que tinha ado-

(*x*) Este veneravel ancião, não podendo supportar os trabalhos da marcha, ficou doente na Galliza, d'onde depois passou para Inglaterra.

(*y*) Por sua actividade, zêlo, e prudencia foi que se salvou uma grande parte da caixa militar; e com este dinheiro, e o seu nome, he que, auxiliado pelos benemeritos governadores da Corunha e do Ferrol, pôde fretar os navios que levárão a nossa gente a Inglaterra.

ptado. Nem mesmo depois de chegar a Inglaterra, salvando tão valorosa gente, que sem elle teria indubitavelmente ficado perdida para a causa constitucional, recebeo ali maiores demonstrações de agradecimento do que os que tinha já recebido no Porto, porque logo se lhe tirou o commando d'aquella divisão, e do deposito que para ella e para os mais emigrados se formou em Plymouth. Não obstante esta summa ingratidão, despojou-se voluntariamente da sua patente de brigadeiro, e se alistou como voluntario na expedição, que, ás ordens do general Saldanha, partio para a ilha Terceira, e ali a tiros de artilharia foi impedida de desembarcar pela brutalidade Ingleza. Voltou finalmente com a mesma expedição para França, onde por muito tempo se conservou retirado e como desconhecido, sem que nenhuma das auctoridades, que então figuravão na direcção dos nossos negocios, o distinguisse com algum sinal de reconhecimento e de honra (z). Não póde porém esta notavel ingratidão causar o mais pequeno desdouro ao illustre brigadeiro, Joaquim de Souza Pizarro, porque elle, por sua firmeza, constancia, e coragem nos perigos, de que todos os seus companheiros de infortunio derão um authentico e glorioso testimunho, se collocou tão acima

(z) A final ou por pejo, ou para á sombra de seu nome fazer passar outros insignificantes, se lhe déo o titulo de visconde de Bóbeda.

de seus invejosos inimigos, quanto estes ficárão abaixo d'elle por sua irresolução, e falta de um elevado e grande caracter. Por tanto, se o seu nome por muito tempo não appareceo entre os que a baixa lisonja tem pertendido exaltar, muito mais elle brilhou pelo empenho que houve em o occultar.

Em quanto tantas desgraças se passavão no Porto, produzidas por todas as causas que tenho mencionado, outras iguaes, ou antes superiores, acontecêrão no Algarve, causadas, entre outros motivos, pelo principal de todos, a inactividade das operações da junta do Porto. Por esta sua inactividade perdeo ella a cooperação efficacissima do Algarve, que tanto pêso devia ter para o bom resultado geral, porque vendo-se o usurpador atacado vigorosamente a um tempo pelo Norte e pelo Sul, de necessidade havia de vêr logo todo o reino levantado contra elle, e a sua quéda era inevitavel. O Algarve insurgio-se apenas teve as primeiras noticias da revolução do Porto; mas como quem a dirigia, tanto pelas primeiras loucas proclamações, como por todos os actos posteriores, mostrasse a sua pouca ou nenhuma energia, perdeo não só aquelle essencialissimo apoio do Algarve, porém matou logo ao nascer o levantamento geral de todo o reino. Em uma palavra, a fidelidade do Algarve, bem como as melhores disposições de todo o Portugal, fôrão sacrificadas pela junta do Porto á mais

inaudita de todas as inepcias, ou á mais fatal e desastrosa de todas as combinações.

Assim que no Algarve fôrão conhecidos os acontecimentos do Porto, o coronel commandante do regimento de milicias de Lagos, José de Mendonça Côrte-Real concebeo o heroico projecto de fazer o mesmo n'aquelle reino. Para a execução d'esta nobre e briosa empreza ajustou-se com o capitão quartel-mestre do seu regimento, *Antonio Pimentel de Macedo* (*a*), a quem dirigia sobre este negocio todas as suas communicações confidenciaes, para que fosse convidar no dia 24 de maio de 1828 o tenente-coronel commandante do 2.° batalhão de infantaria n.° 2, Luiz José Maldonado. Este com o capitão de milicias Mello, dirigindo-se a Alvor, ali se reunírão com o coronel Luiz Garcia de Bivar, e os majores Chateauneuf, de artilharia n.° 2, e Francisco Neri Caldeira das milicias de Lagos; e todos, os acima mencionados, concordárão e decidírão proclamar a reintegração da carta constitucional, e os direitos do throno legitimo que sobre ella só estavão fundados.

No dia 25 se fez a acclamação nas diversas villas e cidades do Algarve, e n'ella muito se distinguio o benemerito juiz de fóra de Villa-Real, Mattheus Antonio Pereira da Silva, que convocou a camara, e n'ella

(*a*) Emigrou, e he hoje official da secretaria da guerra.

solemnemente fez este acto publico de lealdade ao rei e á carta constitucional. Mas fôrão malogrados todos estes generosos esforços, não só porque, como já disse, a junta do Porto nada fez para os animar e auxiliar, porém porque as intrigas, e ainda mais os erros, que na execução d'aquella empreza se commettêrão, produzírão tambem aqui os mesmos desastrosos effeitos. Não se tomárão providencias para impedir as seducções e tramas dos intrigantes que, com dinheiro e fraudulentas invenções, estavão corrompendo a plebe e parte da tropa; e finalmente deixárão em plena liberdade o governador d'aquelle reino, o general Palmeirim, que mostrando approvar a revolução, adherindo a ella, e jurando-a na camara de Tavíra, ficou depois com todos os meios para a inutilisar. Entre os intrigantes figurárão muitos conegos e beneficiados de Faro, cujos nomes escreverei para que ao menos a opinião publica os possa devidamente avaliar. Fôrão elles os conegos Filippe Joaquim Gil Gonçalves e Souza; o façanhoso Manuel Aleixo Duarte, deputado nas côrtes de 1822, e um dos fingidos liberaes d'aquella época; José Viegas Esperança; e Manuel da Silva Mendonça. Os beneficiados fôrão Antonio da Ponte Contreiras; Pedro Rodrigues Taveira; e José Poêro Carajola (*b*). Todos estes individuos, se-

(*b*) Ou talvez José Pedro Carvalho.

gundo mencionão as memorias do tempo, derão dinheiro para seduzir e rebellar os soldados de artilharia n.° 2; e foi o juiz da alfandega, Pedro Vito de Andrade, quem o distribuio por meio de certos agentes da mais infima plebe, que ao donativo tinhão ordem de sempre accrescentar algumas fabulas ridiculas com que se desmoralisasse a tropa.

Em taes circumstancias o resultado d'este movimento nacional não podia ser feliz, e veio a ser por conseguinte extremamente desastroso. Ao vêr o que se passava em Faro, ainda o coronel Mendonça julgou que podia fazer alguma cousa, dirigindo-se a Olhão para ali reunir o corpo do major Mello. Assim, tanto que n'esta villa tiverão promptos o regimento de milicias de Lagos, e o 2.° batalhão do regimento n.° 2, auxiliados com muitos paizanos armados que tinhão vindo de Faro unir-se com elles, marchárão ambos para aquella cidade na madrugada do dia 28: mas o regimento de artilharia n.° 2, e todos os mais rebeldes, agora amotinados com o conhecimento que tinhão das intenções d'aquella tropa, fôrão immediatamente apoderar-se dos armazens de polvora, e casas de arrecadação; e por mais esforços que alguns officiaes fizerão para desviá-los d'esta tentativa, tudo foi baldado. Até na sua furiosa insubordinação estiverão para assassinar o capitão Duarte Daniel Pereira do Amaral, que pôde escapar-se e fugir para Olhão. Não

obstante esta resistencia, ainda os chefes fiéis julgárão do seu dever não desistir de tão nobre empreza; porque, apesar de que o dito regimento de artilharia tinha assestadas algumas peças em todos os pontos importantes, cubrindo particularmente as alturas que dominavão a estrada de Olhão, assim mesmo, bem que lhes faltasse a polvora e até as pederneiras em consequencia das revoltas de Tavíra e Faro, e não esperando encontrar tamanha resistencia, ainda chegárão a pouca distancia d'esta ultima cidade pelas quatro horas da madrugada do mesmo dia 28.

Foi na estrada, chamada das Lavadeiras, que começou a vanguarda a soffrer um vivo fogo de artilharia e mosqueteria dirigido pelo mesmo regimento 2, e paizanos armados. Travou-se então um forte combate, em que os rebeldes tinhão toda a vantagem do logar, e a superioridade das duas armas providas de todas as munições necessarias; e durou elle pelo espaço de tres horas. Sendo porém obrigadas as tropas fiéis a ceder, e a retirar-se por já não terem um só cartucho, foi então que entrou a confusão e o descoroçoamento em suas fileiras. Os soldados começárão a debandar-se; e a muito custo poderão os officiaes fazer ainda uma retirada até Olhão. Mas vendo-se os mesmos officiaes e todos os bons Portuguezes, que havião concorrido para este honrado feito, destituidos de todo o recurso, formárão o projecto de se

retirarem para Beja, atravessando a serra de S. Braz; plano, a que adherirão todos os que se achavão nas circumstancias de o abraçar.

Foi ainda mal succedido este projecto, porque os rebeldes de Faro, como tivessem noticia da retirada, expedirão immediatamente bandos de malvados contra os infelizes que se retiravão; e quem n'isto teve a maior parte foi o capitão mor José Bernardo da Gama Mascarenhas de Figueiredo, o qual, com muita antecipação, passou ordens mui terminantes a todas as aldêas para que perseguissem os fugitivos. Fôrão ellas bem executadas, porque todos, ou quasi todos, fôrão prêsos e conduzidos a Faro na tarde do mesmo dia 28, onde fôrão recebidos pelos rebeldes com fogos de alegria. He n'esta occasião que foi assassinado e feito pedaços o bravo major Chateauneuf, dando-se por culpados da sua morte atroz Jacques Filippe Landrecet, e o capitão Luiz Guilherme Coelho; os quaes, pelos insultos e asperas arguições, que lhe fizerão diante da multidão em delirio, a dispozerão e provocárão para este horroroso assassinio (c): erão estes os mesmos,

(c) De haver tido parte n'este assassinio alguem accusou o tenente-coronel Augusto Xavier Palmeirim, filho do general d'este nome. Porém eu, que pertendo ser justo e verdadeiro, declaro que vi a copia authentica de uma sentença passada em sua justificação pelo juiz Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral em 25 de junho de 1841, na qual he absolvido d'esta accusação. Diz a dita senten-

que, á frente do regimento rebelde, tinhão dirigido o fogo contra as tropas leaes. Escapárão felizmente á morte n'esta occasião o capitão Amaral, e o major Caldeira. O coronel Bivar tambem afortunadamente escapou, passando de Olhão para bordo da escuna Ninfa, que se achava junto da barra. O commandante d'esta embarcação era o fiel e honrado segundo-tenente de marinha, Francisco Xavier Auffdiener, o qual, tendo-se conservado junto a Faro, se retirou depois d'aquella posição, porque o governador da praça, Antonio Pedro Lecor, lhe intimou que do castello lhe faria fogo, dando-lhe por causal o ter recebido a bordo muitos constitucionaes. N'esta crise se resolveo aquelle benemerito commandante a retirar-se para Gibraltar, porque o máo estado da escuna não lhe permittia outra viagem. Realisou a sua resolução, e entrou n'aquelle porto no dia 7 de junho, levando a seu bordo, além do seu immediato, o segundo-tenente Antonio Herculano Ro-

ça: — „ Que o tenente-coronel Augusto Xavier Palmeirim „ não tivera a menor culpa, parte, ou sociedade e impu- „ tação no assassinato que á entrada de Faro soffrêra o „ major Chateauneuf. "

O mesmo tenente-coronel provou com nove testimunhas, que sahíra de Tavíra em 3 de maio de 1828, e só para lá voltára e chegára no dia 27 do mesmo mez quando a revolução já estava começada. Que o major Chateauneuf fôra morto por um soldado de artilharia n.° 2, e depois arrastado pelo povo. Emfim, que nem elle nem seu pai sabião da estada ali de Chateauneuf, porque tinha tirado guia para Lisboa, e se conservava occulto em Albufeira.

drigues; o commandante do cahique de guerra Inveja, Hermano Bastos de Azevedo, tambem segundo-tenente de marinha; o tenente-coronel, graduado em coronel, do regimento de milicias de Lagos, Luiz Garcia Bivar; e Antonio Nicoláo Sabbo, e João Pedro Lecor, os quaes deixou todos a salvo em Gibraltar. Foi este brioso official de marinha Auffdiener um dos poucos da sua profissão que teve a nobreza de sentimentos para largar as bandeiras da usurpação, e se quiz honrar com as côres constitucionaes, passando depois pelos destinos de emigrado. Ao menos, para que a classe da marinha Portugueza não ficasse toda com o labéo de ter sido um dos fortes instrumentos da tyrannia e servidão, he um grande prazer para um homem livre ter de mencionar seu honrado nome como um dos benemeritos da liberdade e da patria.

Assim acabou esta notavel insurreição do Algarve, sendo infeliz, porém ao mesmo passo digna de louvor; porque se não pôde vencer na heroica empreza que tomou, pelo menos combateo n'ella com honra e valor, e cedeo não aos prestigios de uma falsa e insidiosa politica, porém aos revezes da fortuna, que nem sempre em casos tão arriscados como aquelle se podem evitar. Fôrão, por tanto, seus auctores mais nobres do que os do Porto; pois que estes fugírão, e desamparárão o campo da liberdade e da hon-

ra, quasi sem combate, e sem nunca haverem sido vencidos.

A raiva e os furores do tyranno se exasperárão com as revoluções do Porto e do Algarve, porque n'ellas vio, ainda que temporariamente victorioso, que o espirito da parte mais nobre e illustrada da nação era contra elle. Para realisar e sustentar a usurpação já seu perfido e cruel temperamento o havia induzido a fazer mil prisões arbitrarias contra individuos pacificos, que nem tinhão preparado, nem entrado em revolução alguma; e tinha obrigado a outros a abrirem o caminho d'essa feliz emigração, que depois se tornou constante e espantosa; porém ainda o tigre não tinha provado o sangue de ninguem. Sequioso d'elle fez o seu primeiro ensaio nas pessoas de algumas creanças, que outro nome não podem ter moços, ainda menores, culpados em um processo de assassinio. Foi resumidamente o caso. Na chegada do usurpador a Lisboa todos os absolutistas pozerão desde logo as suas esperanças no aniquilamento da carta constitucional, e restauração do governo absoluto, á sombra do qual estavão acostumados a viver opulentamente. N'este numero estavão os individuos mais influentes na universidade de Coimbra, e entre elles particularmente figurava o seu chefe, o apostata politico vice-reitor *Pinheiro*. Como vissem por tanto os passos que immediatamente D. Miguel começava a dar pa-

ra a grande obra da usurpação, mui apressados quizerão logo ir cumprimentá-lo, não tanto pela sua vinda, como pelas bellas disposições com que vinha. Para estes cumprimentos nomeou a universidade, ou antes essa parte servil, que pertendeo representá-la, uma deputação composta dos individuos mais desacreditados n'ella, sendo um d'elles o doutor *Mattheus*, professor ou lente das faculdades juridicas.

Na sua jornada para Lisboa, ainda não em muita distancia de Coimbra, foi a deputação atacada por alguns individuos *mascarados*, e como taes desconhecidos, os quaes ferirão e matárão parte dos membros da dita deputação, e entre elles o tal doutor *Mattheus*. Era este homem summamente ignorante, e á summa ignorancia juntava uma monstruosa immoralidade, porque era publicamente havido por assassino, e envenenador; e além d'isto, tinha ainda a infamia de haver sido judicialmente accusado de outros crimes vergonhosos. Nas horrorosas devassas, que no ministerio *Pamplona* se havião tirado em Coimbra no infausto anno de 1824, ordenadas por um esbirro subalterno d'aquelle governo, o ministro da justiça, *Marinho Falcão*, havia tambem o tal monstro *Mattheus* figurado eminentemente como primeiro delator, e instigador de outros delatores secundarios; e então se lhe deitárão em rosto todos esses crimes e infamias, que elle

nunca ousou contradizer: e, por consequencia, logo desde aquella época lhe ficárão pertencendo de direito. Assim parece, que a Providencia lhe tinha destinado um fim digno de tal vida.

Os accusados d'esta violencia, verdadeiramente criminosa, porque o assassinio deliberado he sempre um grande delicto, que se não póde auctorisar, e menos louvar, erão estudantes da universidade, os quaes fôrão prêsos como suspeitos d'este crime, e por elle depois fôrão processados, sentenciados, e enforcados. Foi este o primeiro sangue que bebeo o tyranno; e ou fosse justa ou injustamente derramado, o certo he que foi o que lhe abrio o appetite para depois se embriagar abundantemente com elle; porque consumado este acto, talvez mais de vingança do que de rigorosa justiça, lançou-se o tyranno usurpador em todos os excessos de uma feroz e absurda tyrannia. Tendo gostado de sangue, fez d'elle depois todas as suas delicias; e com elle suppôz, barbaro e demente, que podia fortificar as frageis bases da sua usurpação. Multiplicarão-se as prisões, os sequestros, e todas as vinganças proprias de um governo timido, e vacillante; e desde logo se fôrão preparando os cadafalsos em que se havião de sacrificar outras victimas mais illustres, por isso mesmo que se devião immolar como martyres da religião e liberdade. Mas a triste narração d'

estas scenas de horror ainda aqui não tem logar, e fica guardada para o proprio tempo em que depois se representárão.

N'este mesmo anno de 1828 succedeo ainda uma grande desgraça, que foi a perda da ilha da Madeira. Era d'ella governador e capitão-general *José Lucio Travassos Valdez*, que, pelo seu manifesto e proclamação do dia 22 de junho do mesmo anno, a tinha promettido defender para o legitimo rei D. Pedro 4.º contra a usurpação de D. Miguel, que já lhe era conhecida Apesar porém d'estas promessas elle a entregou, quasi sem resistencia, e se foi refugiar em Inglaterra. Sobre esta não esperada entrega da ilha muitas e diversas cousas n'esse tempo se espalhárão tanto contra como em favor do seu comportamento militar. Uns o derão como culpado, porque dizião, que elle, por uma vaidosa e indiscreta presumpção, recusára os soccorros de gente e dinheiro que de Inglaterra lhe tinhão offerecido, e que só os requerêra por fim quando já não era tempo: outros porém o defendião, replicando, que não achára apoio algum na guarnição, e menos nos habitantes da ilha, que covardemente largárão as armas, e se entregárão aos invasores. Qualquer que fosse, comtudo, a razão por que a ilha se entregou, a verdade he, que *Valdez* foi para Inglaterra, d'ali passou para as ilhas, e depois para Portugal, e nunca constou que pedisse um conselho de

guerra para se justificar d'esta quebra de gloria militar. Parece que a sua honra exigia, que désse uma satisfação publica á nação, expondo legalmente os motivos d'aquella infelicidade; porém não o fez, e assim deixou exposta a sua reputação ás diversas, e até oppostas opiniões que d'elle se fizerão, e ainda hoje se fazem ácêrca da sua intelligencia, e caracter militar.

Para consolar na justa afflicção, que este inesperado desastre causára, houve, passado algum tempo, um grande e felicissimo acontecimento, devido não só á constancia e ousada tentativa do major Quintino do batalhão 5.º de Caçadores (*d*), mas ao valor e briosa resolução do general Diocleciano Leão Cabreira. Este intrepido e brioso militar, sómente com seis resolutos companheiros (*e*), porque os outros, que com elle estavão (*f*)

(*d*) O que fez este major ainda relatarei, quando mencionar as injustiças com que lhe pagárão seus serviços, como movel e instrumento da primeira conservação da ilha Terceira.

(*e*) Fôrão elles: — O medico José Gomes Bracklami: o alferes de Cavallaria 12, Jorge Vanzeller: o tenente de infantaria 7, José Maria Taborda: o alferes de cavallaria 10, Narciso de Sá Nogueira: o capitão de milicias de Lagos, Bernardo Mendes da Costa: o tenente de cavallaria 12, D. Vasco Guterres da Cunha, que 15 dias depois se retirou.

(*f*) Os nomes dos principaes officiaes, que não ousárão desembarcar, fôrão: — O marechal de campo, José Maria de Moura: Sebastião Drago Valente Cabreira: o brigadeiro Palhares: tenente-coronel Raivoso: major Sá Camello: co-

na mesma fragata Brasileira, apesar de valentes, não ousárão acompanhá-lo, (tão arriscada ou temeraria julgavão a empreza!) desembarcou na ilha Terceira no memoravel dia 6 de setembro d'este mesmo anno; e só com a sua presença, e, por assim dizer, só com a sua valentia pessoal a conservou para a legitimidade, e para ser o assento ou o fortissimo alicerce da nossa liberdade. Estava a ilha em grande fermentação, excitada pelos nobres e clero, que ali tinhão toda a influencia; era a fidelidade da guarnição militar mui duvidosa; e vio-se depois ameaçado por parte das forças inimigas que havião tomado posse da Madeira: porém apesar d'isto, o general Cabreira, só com o seu aspecto, só com a sua resolução, e com o seu nome, não só intimidou e tranquillisou tudo dentro da ilha, mas causou respeito aos mesmos inimigos, que depois teve á vista, e que nunca ousárão atacá-lo. Bem se póde pois dizer com toda a verdade, que os futuros prosperos destinos, que tivemos em beneficio da nossa patria e da nossa liberdade, dependêrão todos d'aquelle feito brilhante do general Cabreira, cujo nome he preciso que nunca esqueça, e sempre brilhe entre essa

ronel de cavallaria, José Antonio da Silva Torres: e alguns officiaes subalternos.

N. B. Não menciono aqui seus nomes para os deprimir, mas para mostrar quão temeraria, e arriscada parecia a empreza.

immensa escuridade de tantos nomes, ou traidores, ou covardes, que tem manchado a era das nossas desgraças.

As tropas, e mais emigrados, que embarcárão na Corunha só pelos cuidados e industria do brioso brigadeiro Pizarro, sem que para isso nenhumas providencias désse o marquez de Palmella, como já disse, fôrão para Inglaterra, e desembarcárão em Plymouth. Ali se estabeleceo um deposito geral para toda a emigração não só da que tinha chegado da Galliza, mas da que continuou a sahir de Portugal, que cada vez se tornou mais numerosa. Não se dêo o commando do deposito, como já mencionei, ao valoroso e sempre leal brigadeiro Pizarro, a quem parece competia por haver elle sido o salvador de tão constante e resoluta gente, porém se conferio a Candido José Xavier, e depois ao general Stubbs.

Para a desgraçada expedição do *Belfast*, e depois para a manutenção e sustento dos emigrados, o visconde de Itabayana, ministro do Brasil, pôz generosamente á disposição do marquez todas as avultadas sommas que estavão destinadas para o pagamento dos juros da divida de Portugal, contrahida em Londres, e que o Brasil, por um contracto no acto da separação, se tinha obrigado a pagar. Este acto do ministro do Rio de Janeiro, além de generoso nas desgraçadas circumstancias em que nos achavamos, foi jus-

to e racionavel; porque estando o reino e o throno na mão do usurpador não convinha, nem era de justiça que se auxiliasse a usurpação, pagando em favor d'ella uma divida que só com a legitimidade se havia contrahido (*g*). Com estes poderosos e efficazes meios á sua disposição tinha podido o marquez de Palmella emendar ainda de algum modo os indesculpaveis e fataes erros commettidos no Porto, empregando a proposito, e com immediato proveito não só as forças militares de que podia livremente dispôr, porém as avultadas sommas que se lhe havião entregado. O primeiro emprego que se podia e devia fazer da tropa, e que era palpavel e obvio a qualquer homem de mais pequena comprehensão, era fazê-la immediatamente passar para outro territorio Portuguez; e não havia nenhum tão proximo e de tão facil accesso como o da Madeira e ilhas dos Açores, que n'esse tempo não tinhão bloqueio, e nem ainda o podião ter effectivo e rigoroso. Comtudo, esta medida, cuja utilidade toda a gente via, e que até, segundo constou, alguem lembrou e aconselhou, foi desprezada; e assim se entregárão ainda ao usurpador estas importantes possessões,

(*g*) Esta divida era o resultado d'esse emprestimo, que, depois da quéda violenta da constituição de 1822, contrahio o ministerio Pamplona, e que se dissipou, e consumio, sem que até o dia de hoje se saiba exactamente o emprego que teve.

como já se havia entregado o Porto, e quanto dependia da sua influencia. O resultado de tudo isto foi a perda, quasi immediata da ilha da Madeira, como já referi, e a perda de todos os Açores, á excepção da ilha Terceira, que só escapou por ter havido um homem como o general Cabreira, que, por uma das mais nobres e mais uteis resoluções, teve a brilhantissima coragem de nos salvar aquelle importante ponto de resistencia e salvação, onde devião vir quebrar-se todas as forças da usurpação.

A parte administrativa foi, por tanto, dirigida pelo marquez de Palmella como já o tinha sido a parte militar. Mas havendo tanta abundancia de dinheiro fez-se d'elle o uso mais dissipador que se podia imaginar. Sem se olhar para as circumstancias em que estavamos, e do tempo que ellas podião durar, só se cuidou de gosar do presente; e para isso se imaginárão planos para que a dissipação fosse prompta e completa. Inventou-se uma lista de dignatarios, de privilegiados, e de altas e baixas classes de empregados; e segundo estas cathegorias, pagarão-se ordenados, pagarão-se pensões, pagarão-se atrazados, e até dividas a quem, ainda não contente com as exorbitantes sommas que recebia, se dava a toda a sorte de dissipações, na certeza de que n'aquelle inexhaurivel thesouro haveria sempre com que satisfazer os appetites. Por esta fórma todos

os empregos que havia em Portugal, e que lá estavão occupados pelos satellites do usurpador, erão igualmente pagos em Londres, como se os individuos, que antes os tinhão, os estivessem actualmente servindo. Em uma palavra, pagarão-se por inteiro em Londres os ordenados de conselheiros de estado, de desembargadores, de ministros subalternos, de officiaes de secretaria, de lentes, de professores, e emfim os de todos os mais, que havião tido empregos ou officios, como se na realidade os estivessem servindo, e houvesse um thesouro inexhaurivel, d'onde constantemente se podessem tirar sommas tão enormes, e tão desnecessarias. Sim, a ninguem n'esse tempo lembrou que na emigração não havia titulos, não havia empregos, não havia distincções; em uma palavra, que não havia classes, e simplesmente homens emigrados com um estomago para alimentar, e um corpo para cubrir da nudez; e que todas estas estultas demasias erão um roubo feito ao necessario desempenho da nobre causa por que soffriamos, e á futura subsistencia de nossas pessoas. Para nada d'isto, com effeito, se attendeo: devorou-se, e deixou-se devorar quasi em um momento tudo quanto havia, para depois se vêr tanta gente sepultada na miseria, e não haver quasi um real para acudir aos objectos mais essenciaes, de que dependia a nossa restauração. Mas do estado, a que nos reduzírão tantos desperdi-

cios, ainda em outro logar hei de tratar d'estes Annaes.

Em quanto por um lado assim corria a dissipação, filha do abuso, da falta de calculo, e de uma desleixada, e prodiga administração, via-se por outra parte uma escandalosa mesquinhez, filha da injustiça, e de um criminoso absolutismo. Os voluntarios residentes no deposito de Plymouth, e com especialidade os academicos, individuos bem educados, e muitos d'elles homens de propriedade e fortuna, e que só pelo amor da patria e da liberdade havião pegado em armas, e por isso tanto mais dignos de admiração e respeito, porque não erão mercenarios, estavão, não obstante isto, reduzidos á ultima classe de soldados ajuramentados e pagos, recebendo a infima e vilipendiosa cota de *cinco pences por dia*! Em verdade, quem n'isso bem seriamente meditar não póde escusar-se de censurar tão injusta como desigual, e incoherente administração. Com data de 13 de dezembro d'este mesmo anno dirigírão os voluntarios academicos de Coimbra um requerimento sobre esta escandalosa injustiça que soffrião á commissão encarregada da administração, e distribuição dos subsidios applicados para a sustentação dos emigrados; o qual requerimento se publicou pela imprensa em Inglez e Portuguez em Plymouth nos principios do anno seguinte 1829. Na ordem do dia n.° 117 dêo o general comman-

dante do deposito a seguinte resposta a aquelle requerimento. „ A classe dos voluntarios „ academicos do deposito he digna de toda „ a consideração e louvor, porém he demasiadamente numerosa para que seja com„ pativel com o estado dos fundos, e nas „ presentes circumstancias augmentar os seus „ soldos: além de que, sería intempestiva „ qualquer alteração no momento em que o „ deposito vai dissolver-se. " Esta resposta não foi certamente obra do commandante, que era o general Stubbs, porém foi obra que lhe mandárão publicar. Seja, comtudo, o que fôr, o que se póde dizer com verdade he: que ella nem foi concludente, nem honrosa para quem ordenou que assim fosse dada. Apontou-se como razão, que a classe era muito numerosa, e por fim soube-se, que os individuos n'ella incluidos, e que requerêrão, erão tão sómente noventa e sete! E que fossem ainda mais, que importava? Se os subsidios se tivessem unicamente distribuido como alimentos, e não como attribuições de certas jerarchias, por certo que a classe já não havia de parecer tão numerosa; porém como se pertendeo dar muito a poucos, e dar pouco a muitos, todos, os que se queixavão, parecêrão excessivamente numerosos. Teve-se tambem por incompativel com o estado dos fundos o mesmo requerimento. E porque? porque para dar, segundo se dizia, a certos individuos, que nada tinhão feito a favor da

justa causa, ou antes tinhão feito muito, directa ou indirectamente, a favor da usurpação a somma enormemente escandalosa de uma *libra sterlina por dia, ou ainda mais*, era necessario dar a outros *cinco pences diarios*!

A ultima razão he ainda a mais futil que se podia dar. Chamou-se intempestivo o requerimento, porque se suppunha que o deposito se hia dissolver: e porque elle houvesse de acabar, acabavão tambem por ventura os individuos que requerião? Não comião, não bebião, e não vestião elles, estivessem ou não estivessem em um deposito? E além d'isso, era menos odiosa, e menos digna de censura a injustiça, que até ali se lhes tinha feito? Se a existencia do deposito fosse o unico titulo em que os requerentes se podião fundar para exigir subsidios correspondentes ás suas primeiras necessidades, então nenhum dos individuos, que vivião fóra d'elle, tinhão direito a obtê-los. Na supposição ainda que elles hião sahir de Inglaterra, tinhão por isso mesmo necessidade de fazer alguns arranjos ou preparos para a viagem que se lhes destinasse. O caso todo porém estava em que se querião nutrir lautamente certas jerarchias, e para isso era preciso que outros vivessem mui proximos da miseria, e particularmente aquelles, que tinhão dado provas decisivas do seu amor e fidelidade á carta constitucional: provas, que, por se não poderem ne-

gar, se procuravão desacreditar, e punir *como exaltadas.*

Creio que por parte da commissão, estabelecida em Londres, e á qual foi dirigida a petição, nenhum bom despacho tiverão os requerentes, e nem bom o podião elles ter; porque a tal commissão não tinha auctoridade alguma; só havia sido creada para entreter a credulidade publica sobre a boa administração dos fundos, que na realidade só exclusivamente dependia de uma vontade superior: e emfim, porque não era composta senão de uma especie de caixeiros, que recebião e pagavão o que lhes mandava entregar o seu patrão. Se tivesse havido boa vontade de distribuir com equidade e justiça o dinheiro destinado para os emigrados, e mais despezas da emigração, ter-se-hia logo desde o principio publicado regularmente, ao menos uma vez por anno, não só a lista de todos os emigrados que recebião subsidios, mas as quantias que se davão a cada um nominalmente, com todas as mais sommas despendidas em favor da causa para que tinhão sido destinadas. Nada porém d'isto houve; e sempre sobre este ponto capital de dinheiro se guardou um mysterioso segredo, para que ninguem podesse penetrar os arcanos da profunda politica com que se administrava esta importantissima parte economica dos nossos negocios.

Quando tudo se preparava na Europa

para que se perpetuassem nossas desgraças, commettia ainda D. Pedro 4.º na sua côrte do Rio de Janeiro um erro politico, que devia ter bem fataes consequencias; porque essencialmente concorreo para aggravar os nossos males. Sem ainda saber o que se passava em Portugal, e nem dar tempo a que o soubesse, lavrou o acto da sua formal abdicação no dia 3 de março d'este mesmo anno. Com effeito, muito indesculpavel, por ter sido mui levemente pensado, foi este acto, porque por elle se expôz, abdicando a coroa tão cedo, a fazê-la perder a sua Filha, a Rainha D. Maria II. Mui fortes razões tinha D. Pedro para não ser tão precipitado em uma resolução de tamanho momento, e erão ellas: em primeiro logar, o conhecimento anterior que tinha do caracter de seu irmão, de sua mãi, e da facção que havia muito tempo os dirigia; e em segundo, o haver elle tido a incomprehensivel imprevidencia de não ter obrigado os seus alliados a dar-lhe por um formal tratado garantia segura das condições por que abdicava. Assim, sem que nenhumas d'estas considerações tivessem pêso em seu espirito, assassinando-se precipitadamente a si, como rei, collocou-se na fatal posição de assassinar tambem o reinado de sua Filha. Dizem, para o desculpar, que a sua boa fé, e honra de cavalheiro o trahírão: mas um rei, quando trata com outros de interesses politicos, nunca se de-

ve simplesmente fiar em palavras, porque estas de ordinario não costumão ser nada á face da politica. Além d'isto, consta que seus ministros ou agentes na Europa retardárão por algum tempo a publicação d'aquelle seu acto, attendidas as novas circumstancias que tinhão occorrido; e que não obstante ellas, tiverão ordem para annunciarem officialmente esta tão impolitica como despropositada abdicação.

D'este primeiro erro se seguio logo um segundo, que tinha estreitas relações com aquelle, e que tambem merece a mesma censura, porque indesculpavelmente se commetteo antes de no Rio de Janeiro se saber o que se estava passando em Portugal. Ordenou D. Pedro, que sua Filha, já Rainha reinante pela abdicação absoluta de seu pai, viesse para a Europa, e se fosse educar na côrte de Vienna d'Austria em casa do imperador seu avô. Em consequencia d'esta resolução sahio ella do Rio de Janeiro em 5 de julho do anno de 1828, e chegou a Gibraltar em 3 de setembro do mesmo anno. Como a esse tempo já D. Miguel com o seu perjurio tivesse consumado a usurpação, o visconde de Itabayana, por uma providencia que lhe dá muita honra, e o torna credor dos agradecimentos de todos os bons Portuguezes, fez partir para Gibraltar um emissario, que foi o cavalheiro Bayard, a fim de vêr se ali a encontrava, e podesse participar-lhe o que estava acontecendo em Portugal. Feliz-

mente o Snr. Bayard chegou a tempo de lhe fazer esta partecipação, e o marquez de Barbacena, Filisberto Caldeira Brant, que vinha encarregado da guarda da Rainha, tomou tambem ali uma resolução, que lhe he igualmente muito honrosa, e que merece não ser esquecida, a qual foi de conduzir a Rainha para Inglaterra em vez de Vienna d'Austria para onde era o seu destino. Em Genova já estava o marquez de Rezende, acompanhado de uma personagem Austriaca, para conduzirem a Rainha para Vienna; porém a resolução já dita do marquez de Barbacena frustrou todos estes preparativos, e ao mesmo passo mudou por tal fórma todos os planos e combinações da politica em favor de D. Miguel, que desde logo a sua usurpação recebeo um golpe que lhe devia ser mortal. Consta que fallando então alguem ao marquez de Rezende sobre a impropriedade da resolução do marquez de Barbacena, pela qual tomára sob sua responsabilidade o alterar as ordens de seu amo, o imperador do Brasil, lhe respondêra elle as palavras seguintes, que, a serem verdadeiras, são muito notaveis e se merecem conservar: fôrão ellas — „ *que* „ *as scenas de Baiona não se podião represen-* „ *tar duas vezes no mesmo seculo*!" Se esta resposta he, com effeito, verdadeira, de muita gloria he ella para o marquez de Rezende; porque provavelmente a Rainha D. Maria II. hiria ter em Vienna o mesmo capti-

veiro que Fernando 7.° teve em França; e d'ali nunca sahiria só se fosse para ser immolada ao usurpador da sua coroa.

Em conformidade d'esta mui judiciosa determinação do marquez de Barbacena, a Rainha sahio de Gibraltar no dia 5 de setembro, e chegou a Falmouth no dia 24 do mesmo mez na fragata Brasileira, *Imperatriz*, onde entrou pelas 10 horas da manhã; e logo foi saudada com salvas de artilharia pelo castello de Pendennis, e por todas as embarcações surtas no porto, tanto que se avistou o estandarte real Portuguez. Os preparativos para o seu desembarque só ficárão completos na manhã do dia 27; e ás dez horas e meia d'esse dia as salvas da fragata *Imperatriz* annunciárão a sua vinda para terra. Fôrão aquellas salvas correspondidas por todos os navios de guerra e paquetes surtos no porto; e tanto que chegou á praia, e desembarcou, foi recebida pelos officiaes mores da casa real, lord Clinton, e sir W. Freemantle, assim como pelos ministros de Portugal e Brasil, o marquez de Palmella, e o visconde de Itabayana, ao som de uma salva real, dada pelo castello de Pendennis. No caes se havia formado uma escadaria, cuberta de pannos escarlates, e juncada de louros, e flôres; e tanto que a Rainha chegou ao alto d'ella, vinte e quatro meninas da sua mesma idade, vestidas de branco, e coroadas de rosas, começárão a lhe lançar flôres sobre o caminho

por onde ella passava até entrar no coche real que a estava esperando: caminhando assim entre mil acclamações, e por meio de duas alas de uma guarda de honra, sendo ao mesmo tempo saudada com muitos e muitos vivas como Rainha de Portugal. Entrou então na carruagem, e foi apear-se em casa de mrs. Elisabet Fox em Arwernack, onde se lhe formou uma côrte com guarda de honra, e todos os mais apparatos da realeza. Pouco depois que ali chegou, o presidente e senado da camara de Falmouth, acompanhados dos cidadãos mais distinctos da cidade, fôrão introduzidos na sua presença, e, em nome de todos, o presidente a cumprimentou por um discurso apropriado ás circumstancias extraordinarias da sua vinda a aquellas praias; ao qual discurso ella respondeo com muita dignidade e desembaraço, e a sua resposta foi immediatamente traduzida e explicada pelo marquez de Barbacena.

Na tarde d'esse mesmo dia partio a Rainha para Truro, depois de um elegante e delicado jantar que lhe dêo a senhora que a tinha hospedado, sendo precedida pela guarda de honra, e ao mesmo tempo acompanhada por mais de vinte carruagens de pessoas particulares. Na sua sahida tornou a ser saudada com uma salva real. Em Truro, onde dormio, foi alojar-se em *Pierce's-Hotel*, e ali tambem foi cumprimentada com toda a formalidade pelo presidente e camara da vil-

la. No dia 28 partio para Exter, e foi aposentar-se em *New London Inn*, tendo entrado n'aquella terra acompanhada de um destacamento do regimento 4.° de dragões, que a tinha hido esperar ao caminho, para lhe formar uma guarda de honra. A musica do mesmo regimento já estava postada á porta do *Hotel*, e á chegada da Rainha a saudou com os hymnos nacionaes. No mesmo dia chegou ali a deputação do deposito Portuguez de Plymouth, composta do commandante do mesmo deposito, Candido José Xavier, do brioso e sempre illustre general Pizarro, que havia commandado a retirada do exercito para a Galliza, e do coronel do regimento 18, Henrique da Silva. No dia seguinte 29 foi ella apresentada solemnemente á Rainha, e lhe fez os cumprimentos de que vinha incumbida.

No dia 30 seguio a Rainha a sua jornada, tomando o caminho de *Bath*, onde foi recebida com todas as honras pela tropa ali estacionada, e pelo corpo municipal da cidade, que depois a foi tambem cumprimentar com toda a cerimonia, e lhe dirigio uma falla, como Rainha de Portugal. Depois de ali ter descançado tres dias, em que recebeo muitas visitas particulares, partio no dia 6 de outubro de manhã para Londres nas carruagens da casa real, e chegou no mesmo dia ás 7 horas da tarde. ElRei Jorge 4.° tinha mandado apromptar um palacio para a

receber, mas como não estivesse ainda prompto, ordenou que provisoriamente se hospedasse no magnifico *Hotel de Grillon*, onde já havia estado Luiz 18, quando, reconhecido como rei de França, havia sido restaurado ao throno. Foi inumeravel o concurso da gente que acudio para vê-la, e se postou em frente do *Hotel*, dando-lhe mil vivas e acclamações. Um destacamento das guardas reaes de infantaria veio tambem logo postar-se á porta, e sempre ali se conservou. N'essa mesma noite, e dias seguintes recebeo os cortejos das mais distinctas personagens, tanto da côrte, como dos ministros Britanicos, e corpo diplomatico estrangeiro.

No dia 7 recebeo as homenagens de respeito e lealdade de todos os Portuguezes residentes em Londres, que tinhão preferido ser seus subditos a serem vassallos do usurpador do seu throno; e no dia 12, depois de mil visitas e cumprimentos que teve, recebeo publica e solemnemente o juramento de preito e homenagem que todos os seus verdadeiros subditos lhe prestárão, publicando-se n'esse dia officialmente o decreto, em que seu pai, D. Pedro 4.º, havia verificado n'ella a sua absoluta abdicação. Continuou a Rainha a residir no mesmo *Hotel* até o dia 26 de outubro; e durante todo este tempo visitou differentes estabelecimentos publicos, e assistio a varios divertimentos, até que n'esse mesmo dia sahio de Londres para a ca-

sa de campo de *Laleham*, situada a 17 milhas da capital, mas dentro do districto da mesma, e ali começou a residir.

Na chegada da Rainha a Londres achava-se elrei Jorge 4.° muito incommodado, e não a pôde receber senão no dia 22 de dezembro do mesmo anno. A recepção foi magnifica, e pela maneira seguinte, segundo a *Circular da Côrte* a annunciou. — „ Assim „ que se soube que elrei havia de receber „ a joven Rainha de Portugal no seu pala„ cio de Windsor, manifestou-se um extraor„ dinario enthusiasmo no publico tanto em „ Windsor, como por toda a estrada desde „ *Laleham*, onde a Rainha reside. Em *Stai„ nes* havia-se juntado grande numero de pes„ soas; e desde ali até a entrada do parque „ de Windsor por *Bishop's gate* se viáo mui„ tas carruagens cheias de gente. Junto a a„ quella entrada estava postado um forte des„ tacamento das guardas reaes, e desde a„ quelle logar até Windsor estava o cami„ nho guarnecido de muita gente a pé. Lady „ Maryboroug, outras personagens da alta „ nobreza, e muitas pessoas de distincção „ estavão em carruagens paradas ao lado da „ estrada. Sir E. Codringon era um d'estes „ distinctos espectadores.

„ A joven Rainha de Portugal e o seu „ cortejo chegárão a *Bishop's gate* em quatro „ carruagens, as quaes se dirigírão até o pa„ lacio na ordem seguinte: na primeira hia

„ o thesoureiro da casa real d'elrei com o
„ cavalheiro d'Almeida, um dos camaristas
„ da Rainha; na segunda, o visconde de
„ Itabayana, ministro do Brasil em Londres,
„ e o marquez de Rezende, ministro do Bra-
„ sil em Vienna; na terceira, o marquez e
„ a marqueza de Palmella; e na quarta, a
„ joven Rainha, acompanhada pela condes-
„ sa de Itapagipe, pelo marquez de Barba-
„ cena, e pelo cavalheiro de Saldanha. Uma
„ companhia das guardas reaes a cavallo es-
„ coltava a carruagem, hindo um official a
„ cada lado d'ella."

Até aqui a *Circular da Côrte*; porém as gazetas do dia, o *Times* e o *Courier*, accrescentárão as particularidades seguintes: —
„ Quando a Rainha entrou no pateo do pa-
„ lacio foi recebida por uma guarda de hon-
„ ra, composta do regimento das guardas a
„ pé, e commandada pelo coronel Russel:
„ as trombetas e as musicas annunciárão a
„ chegada de S. M. a Rainha. Ao apear-se
„ foi ella recebida pelo duque de Montro-
„ se, e por lord Clinton, a quem acompa-
„ nhavão outras pessoas da côrte. Entrou no
„ paço ás duas horas e um quarto pela entra-
„ da particular d'elrei, onde elle a espera-
„ va no topo das escadas, acompanhado pelo
„ duque e duqueza de Clarence; pelo duque
„ e duqueza de Gloucester; pelo duque de
„ Wellinghton; conde e condessa de Aber-
„ deen; o secretario d'estado mr. Peel e

„ sua mulher; lord Famborough; e o hono-
„ rable B. Gordon &c.

„ Elrei saudou a Rainha com a maior
„ cordialidade, e, fallando-lhe em Francez,
„ lhe assegurou que muito folgaria de a ter
„ recebido no seu palacio logo que chegou
„ a Londres; *mas V. Magestade bem póde vêr*,
„ disse-lhe o monarcha, *que eu até agora não*
„ *tinha logar proprio onde a podesse receber* (*h*):
„ e dizendo isto a conduzio para a sala prin-
„ cipal. A Rainha sentou-se em canapé ao
„ lado d'elrei, o qual pedio licença á sua
„ Augusta Hospeda para que as outras senho-
„ ras se sentassem. N'esta circumstancia, as-
„ sim como em tudo o mais, houve-se a Rai-
„ nha de uma maneira muito superior ao que
„ racionavelmente se podia esperar de uma
„ menina de tão poucos annos. Quando en-
„ trou na sala foi mui sensivel a impressão
„ que lhe fez a explendida e magnifica sce-
„ na que se lhe apresentou á vista; mas es-
„ ta primeira impressão em breve se desva-
„ neceo, e depois conversou por espaço quasi
„ de meia hora com elrei, e com algumas
„ das outras distinctas personagens. Suas AA.
„ RR. as duquezas de Clarence e Glouces-
„ ter estavão particularmente attentas para
„ ella; e entre outras cousas não póde es-
„ capar á sua admiração o explendor dos seus

(*h*) Esta delicada desculpa d'elrei pareceo ter-se fundado nas muitas obras que trazia no palacio, e por isso na verdadeira falta de commodos para tão distincta personagem.

„ enfeites. Elrei estava extremamente agra-
„ dado da sua vivacidade, intelligencia, e
„ simplicidade das suas respostas; mas hou-
„ ve ainda uma circumstancia que não só fez
„ profunda impressão no monarcha, porém
„ em todas as mais pessoas que estavão pre-
„ sentes, e esta notavel circumstancia foi a
„ sensivel similhança que todos lhe achárão
„ com a defuncta princeza Carlota, filha de
„ Jorge 4.° Este foi o primeiro que fez es-
„ ta saudosa observação, e uma tal coinci-
„ dencia de similhanças dêo a toda esta sce-
„ na um interesse que nenhuma outra ceri-
„ monia d'estado até ali tinha offerecido.

„ Passada quasi meia hora em conver-
„ sação, elrei conduzio a joven Rainha pe-
„ lo corredor e mais salas do palacio até á
„ casa da mêsa, onde estava preparado um
„ magnifico almoço, do qual Suas Magesta-
„ des fôrão servidas, e mais trinta pessoas,
„ pouco mais ou menos, da distincta com-
„ panhia que tinhão sido testimunhas d'aquel-
„ la recepção. A Rainha ficou sentada á di-
„ reita d'elrei, o qual teve com ella as maio-
„ res attenções, tratando-a sempre como Rai-
„ nha, e unindo em todas as suas acções a
„ affeição e a ternura que inspira uma me-
„ nina com todas as distincções devidas a
„ uma Soberana. Elrei, dirigindo-se aos
„ seus illustres convidados, disse que em
„ Inglaterra havia um costume que a algum
„ d'elles pareceria estranho, porém que era

„ um verdadeiro costume Inglez, e por cer-
„ to não máo, o qual era o de beber á sau-
„ de das pessoas que se estimavão: assim,
„ para se conformar com elle, e por ser tam-
„ bem um meio de cumprir com os seus pro-
„ prios desejos, propunha que se bebesse á
„ saude da sua joven *Amiga e Alliada, a Rai-*
„ *nha de Portugal.* Acabado este brinde, le-
„ vantou-se a Rainha, e os olhos de todos
„ se fixárão então n'ella. Com muito desem-
„ baraço disse: *Que este costume não era no-*
„ *vo para ella, porque depois que chegára á*
„ *Inglaterra todos os dias á sua mêsa bebia á*
„ *saude de S. Magestade; e por isso com o mais*
„ *profundo sentimento de gratidão pela bonda-*
„ *de com que havia sido tratada, agora pedia*
„ *licença para propôr esta mesma saude.* O mo-
„ do por que a Rainha exprimio os seus a-
„ gradecimentos excitou para com ella a mais
„ profunda sympathia.

„ Acabado o almoço, elrei recondu-
„ zio a Rainha para a sala principal, e de-
„ pois até o topo das escadas onde a tinha
„ recebido; e abraçando-a ali outra vez, se
„ despedio d'ella, renovando-lhe os puros e
„ fervorosos votos que fazia pela sua futura
„ felicidade. A Rainha sahio do palacio com
„ o mesmo cortejo, e pela mesma ordem com
„ que tinha entrado. Ao sahir de Windsor
„ foi saudada com muitos vivas do povo que
„ tinha concorrido para a vêr passar. Dirigio-
„ se então para a sua casa de campo de La-

„ leham, onde chegou ás cinco horas e meia
„ da tarde, e onde depois continuou a ter
„ sempre a sua residencia até o anno seguin-
„ te em que sahio de Inglaterra. „

Entre as muitas cousas agradaveis, que elrei lhe disse, consta que uma d'ellas fôra o seguinte: „ Que ainda que pouco soubes-
„ se da lingua Portugueza, sabia comtudo
„ bastante para lhe dizer em Portuguez = *que a Rainha era muito bonita.* „ Além de todas estas publicas demonstrações de amisade e respeito que elrei dêo n'esta occasião á Rainha, offereceo-lhe os seus camarotes nos diversos theatros, e encarregou a duqueza de Clarence (*i*) de a divertir, e de lhe fazer vêr as cousas mais notaveis da capital.

Depois d'esta tão brilhante e tão publica recepção em que os direitos da Rainha fôrão tão solemnemente reconhecidos, nada parecia mais natural, assim como mais conforme com a recepção que ella havia tido, do que fazer o governo Inglez com que fosse quanto antes restituida á posse do seu legitimo throno, que a mais perfida das usurpações occupava. Comtudo este mesmo modo de tanta affeição e bondade com que Jorge 4.º recebeo a nossa Rainha foi um motivo de mais para excitar os ciumes do seu ministerio, de que era chefe o duque de Wellin-

(*i*) A mesma que depois foi rainha, como espôsa de Guilherme 4.º

ghton, e ministro dos negocios estrangeiros lord Aberdeen, os quaes ambos como tivessem por uma tenebrosa politica determinado sustentar o usurpador D. Miguel, passárão agora a empregar para esse fim todos os enredos, procurando assim paralisar os pessoaes e bons desejos d'elrei.

Uma circumstancia, que tinha transtornado os planos tanto do gabinete Inglez como Austriaco, foi a não esperada resolução do marquez de Barbacena de conduzir a Rainha para Inglaterra; e por isso os primeiros passos, que logo se entrárão a dar pelos dous governos, fôrão, primeiramente vêr se o imperador D. Pedro consentia em que sua filha fosse para Vienna; e em segundo logar, se moderava os seus resentimentos contra o irmão, e, para bem da paz, permittia que se realisasse com elle o casamento da Rainha. Bem se vê, que n'estas duas propostas não só havia um plano atroz, porém uma duplicidade d'essas que se não podem commetter sem renunciar ao pejo e ao decóro; porque, para que se queria levar a Rainha para Vienna? Era, nem mais nem menos, para ficar ali em refens dos projectos politicos que se tinhão traçado contra a influencia de D. Pedro em Portugal; e ao mesmo tempo contra a carta constitucional, que causava um odio implacavel a toda a aristocracia, tanto estrangeira como domestica. Com a posse da Rainha se pertendião então impôr todas as condições a

D. Pedro, ás quaes por fim sería obrigado a ceder: e a mais efficaz, como a mais barbara e atroz, sería a do consentimento para casar sua filha com o usurpador; consentimento, que só a poderia livrar do captiveiro, e seguraria a permanencia da usurpação. Assim em Vienna he que se meditava preparar, e *enramalhetar* a victima, que devia ser immolada pelo mais abominavel e criminoso de todos os sacrificios, que a politica, em seus tenebrosos mysterios, tem imaginado.

Salva a Rainha d'este laço, que se lhe tinha armado, e não se podendo já por meio d'elle realisar o plano meditado, recorreo-se a outro que foi o privá-la de todos os meios que em seu favor se podião empregar com detrimento da estabilidade do usurpador. Um d'elles, que tanto ameaçava a este, como servia de firme apoio á causa da Rainha, e á carta constitucional, era o deposito de Plymouth que, composto de todas as tropas que embarcárão na Corunha, e de todos os mais soldados e officiaes, que fôrão diariamente chegando, com todos os paizanos, que n'elle estavão reunidos, chegava então a quatro mil individuos, pouco mais ou menos. Assim, vendo o ministerio Inglez, que outra cousa não procurava senão sustentar D. Miguel na sua usurpação, como d'esta força se podião aproveitar em qualquer occasião opportuna os defensores dos direitos da Rainha e da carta, cuidou immediatamente em a paralisar. Fin-

gio que era contra as leis do paiz que tantos estrangeiros estivessem reunidos em um corpo; e debaixo d'este especioso pretexto requereo positivamente que se dissolvesse o deposito; e que separados os soldados dos seus officiaes (*k*) se dividissem em pequenas fracções por diversos districtos. Isto era querer acabar effectivamente com aquella força que protegia a justa causa da emigração; porque separada a tropa dos commandantes, a quem estava costumada a obedecer, perdia logo o seu espirito de corpo, debandava-se, desertava, ou podia ser mais facilmente seduzida para isto; e era na realidade o que o governo Inglez pertendia.

Um dos grandes e muitos erros das pessoas que estavão incumbidas de tão graves negocios, tinha sido o não terem desde logo aproveitado toda esta gente, mandando-a para a Madeira e Terceira, onde teria podido logo entrar com toda a facilidade, antes da chegada da Rainha a Inglaterra; e este erro fez com que nossos inimigos recorressem então a este novo plano de ataque. Appareceo, por tanto, sem grande demora, uma ordem expressa para se dissolver o deposito; mas esta medida desagradou no ultimo ponto a todos os emigrados, que tinhão um verdadeiro espirito de lealdade e de hon-

(*k*) Era exactamente a mesma tactica que se tinha empregado na Galliza para dissolver os corpos que ali tinhão entrado.

ra; e que por isso logo prevêrão os grandes perigos que de tão perfida medida podião resultar. Em consequencia d'isto não se atrevendo o marquez a condescender n'esta parte com o ministerio Inglez, porque a proposta era demasiadamente aviltadora para que se podesse adoptar, recorreo então elle a um expediente, ou proprio das suas combinações, ou filho de algumas insinuações externas, que foi: o extraordinario projecto de fazer partir todas as tropas para o Brasil (*l*).

Em virtude d'este projecto se começárão logo a fazer todas as disposições para o dar á execução. Annunciou-se isto aos soldados e officiaes que estavão no deposito de Plymouth; apromptárão-se navios de transporte; e nomeou-se para commandante da expedição o general Saldanha. Mas esta resolução foi alta e unanimemente desapprovada pela tropa, que affirmava estar prompta a ir desembarcar em qualquer parte de Portugal,

(*l*) As insinuações, a que alludo, podião derivar-se de duas fontes diversas: a politica Brasileira, e a politica Ingleza. Da primeira, porque o Brasil pensava que a monarchia de D. Miguel era mais favoravel para a tranquillidade da sua independencia; e além d'isso, lhe podia subministrar uma avultada emigração Portugueza: da segunda, porque o gabinete Britanico não só via por aquella medida posta fóra da Europa uma força que ainda podia incommodar o seu protegido, mas que esta mesma força podia operar no Brasil *mudanças politicas, talvez já combinadas*. Isto póde não ser verdade, mas entre muitas desconfianças, esta era uma d'ellas. A este respeito verão os leitores o que escreveo um author moderno da Historia do Brasil. V. a nota no fim d'este livro.

ou na ilha Terceira, que, pelo valor do intrepido e brioso general Cabreira, se conservava sempre fiel; porém que por nenhum modo iria para o Brasil, onde seus serviços se hião de todo perder para a honrada causa que tinha tomado a seu cargo defender (*m*). Estas intenções, e esta determinação, assignadas por muitos individuos, fôrão significadas ao marquez de Palmella, e aos agentes Brasileiros, que dirigião com elle os nossos negocios; e fizerão n'elles tal impressão, que principiárão a lembrar-se de mudar de plano, e de enviarem os soldados e officiaes para a ilha Terceira em vez do Brasil. Comtudo, como isto se não podia executar sem que o ministerio Inglez o soubesse, necessario foi partecipar-lh'o; e d'aqui resultárão novas difficuldades, que por fim se tornárão, como ainda veremos, escandalosas, horriveis, e brutaes. Aquelle ministerio logo abertamente declarou, que por nenhum modo consentia em que se mandasse gente dos seus portos para a ilha Terceira; e fortificou esta declaração com ameaços. Para dar todavia alguma côr a esta inaudita recusação protestou,

(*m*) Para converter a tropa para esta fatal viagem foi escolhido, como missionario, José da Silva Carvalho, que de Londres para esse fim partio para Plymouth com Rodrigo da Fonseca Magalhães. Foi porém muito mal recebida a sua missão, e não teve effeito. Para se ajuizar das intenções da expedição basta lembrar, que para chefe d'ella se escolhia Saldanha, o homem que então mais se detestava!

que queria ser neutral n'esta questão; e por conseguinte não soffreria que se quebrasse essa sua neutralidade, permittindo que com este reforço se fosse fortificar a Terceira.

Como esta palavra neutralidade foi sempre a hypocrita bandeira com que aquelle governo quiz depois encubrir uma grande infamia, e um grande crime, em poucas palavras farei aqui vêr aos meus leitores o que era, o que tinha sido, e o que depois foi sempre a sua neutralidade, e se tambem, com effeito, elle a podia ter no caso de que se tratava. Por todos os tratados, tanto antigos como modernos, e principalmente pela convenção secreta do anno de 1807, o governo Inglez se tinha obrigado a defender os herdeiros legitimos do throno Portuguez contra seus inimigos tanto externos como internos; e por tal fórma, que ainda quando as expressões de alguns fossem duvidosas, as que se achão empregadas na dita convenção secreta tirão todo o equivoco e toda a duvida. Estipulou-se positivamente no artigo 6.°, e por palavras formaes: = „ Que S. M. Britanica „ se obriga em seu nome e de seus succes- „ sores *a nunca reconhecer* como rei de Por- „ tugal a nenhum principe, que não seja o „ herdeiro legitimo da familia real de Bra- „ gança (*n*). „ Ora, pelo proprio reconheci-

(*n*) Esta convenção secreta foi feita e assignada em 22 de outubro de 1807 entre D. João 6.°, ainda então prin-

mento que o governo Inglez fez da *legitimidade* d'elrei D. Pedro 4.°, e, como sua Successora, de sua Filha D. Maria II, reconheceo ao mesmo tempo a *illegitimidade* de D. Miguel; o que ainda depois confirmou, mandando retirar de perante elle o ministro que ali conservava, para mostrar que não reconhecia a usurpação. Como podia então o mesmo governo, depois de actos tão solemnes e tão publicos, ser neutral entre o rei legitimo que reconheceo, e o usurpador a quem designou logo como tal, interrompendo com elle todas as suas relações diplomaticas? Certamente, o avançar uma tal proposição ou era um absurdo, ou um insulto misturado com o ludibrio. Apesar d'isto, a politica Ingleza que, quando lhe convem, he, e sempre tem sido superior a todas as regras da boa fé e da decencia, não teve pejo de querer encubrir com este fantasma da palavra *neutralidade* toda a sua protectora affeição ao usurpador D. Miguel; porque assim mesmo, depois d'esta ostentação ridicula, nem ao menos cumprio com as leis que exige a verdadeira neutralidade.

Tenho dito que o governo Britanico não podia ser neutral entre uma Soberana que elle mesmo tinha reconhecido como legitima,

---

cipe regente, e o governo Inglez. Publicou-se pela primeira vez em Londres no anno de 1830, em uma obra Portugueza, intitulada = *Bibliotheca historica, politica, e diplomatica*, a pag. 116.

e um usurpador a quem o mesmo governo tratava como tal; porque não póde haver já mais uma verdadeira neutralidade entre um individuo com quem temos contrahido particulares obrigações, e outro com quem não só não temos contrahido taes obrigações, mas o devemos olhar como inimigo. Agora darei as razões, produzindo factos, pelas quaes se verá, como elle nunca cumprio com as leis d'essa mesma neutralidade com que pertendeo encubrir o seu desleal comportamento para com a legitima Rainha, cujos direitos elle tinha obrigação de defender. Reconheceo os bloqueios do usurpador, e por este seu reconhecimento tomou visivelmente o partido d'aquelle que não só nunca devia auxiliar, mas de quem antes se devia declarar inimigo. E como reconheceo estes bloqueios? Violando ao mesmo tempo tanto as leis de fidelidade e amisade á Rainha legitima, como as mesmas leis dos bloqueios. Nunca póde haver um verdadeiro e legal bloqueio senão o que he declarado por uma de duas potencias que estão em guerra, tambem declarada: e quando he que D. Miguel, usurpador e rei de facto, declarou guerra á sua Sobrinha, a Rainha de Portugal? O Porto, e a Terceira, governadas debaixo da auctoridade da Rainha, fôrão bloqueadas pelo usurpador, sem que este anteriormente tivesse declarado a guerra a quem de direito e de facto as possuia; e apesar d'isto o governo Inglez não

só reconheceo estes monstruosos bloqueios, porém os auxiliou e fortificou, levando a predilecção, que tinha pelo usurpador, até a mandar descarregar a sua artilharia assassina sobre os subditos fiéis d'aquella mesma auctoridade que elle publica e officialmente só tinha reconhecido por legitima!

Não parou aqui essa sua neutralidade, obra prima da sua propria invenção; porque em tanto que assim brutalmente mandava assassinar os Portuguezes leaes á liberdade, ao seu juramento, e á honra, entretinha negociações absurdas e perfidas para vêr se com ellas enganava ou intimidava o imperador do Brasil, e sustentava o seu idolo sobre um throno usurpado, e poluido por mil atrocidades. Para se saber qual era a moralidade d'esse gabinete Britanico, basta que se mencione o facto horroroso, de que a parte essencial sobre que versavão as negociações dos ministros Britanicos, era o casamento da Rainha com o assassino do seu throno. Em verdade, era preciso ter perdido todo o pejo, ou haver assumido o maior gráo de impudencia para se ousar propôr a um rei e a um pai, que entregasse sua filha, depois de espoliada, insultada, e trahida, ao espoliador, ao insultador, e ao trahidor de seus direitos e herança! Em uma palavra, nem mais nem menos querião esses homens do que o imperador D. Pedro entregasse sua Filha nas mãos do algôz, expondo-a a que este, depois de

ter violado para com ella quanto ha de mais sagrado no mundo, talvez por fim lhe tirasse a vida, e ficasse então pacificamente gosando do fructo de todos os seus crimes. Com effeito, he incrivel que a este ponto de tão horrorosa politica podesse chegar o ministerio Britanico, e ministerio composto de taes homens, como Wellinghton e Aberdeen! E então que Portuguez haverá, ou dos presentes ou dos vindouros, que queira ainda pôr confiança em quaesquer promessas futuras da politica Britanica?

N'esta conspiração tenebrosa contra a nossa liberdade, porque o motivo único e verdadeiro pelo qual se calcava aos pés toda a justiça e até toda a decencia, era só para sustentar o destruidor e assassino da carta constitucional, o governo Inglez era efficazmente ajudado pelos da Austria e França; os quaes, como tivessem todo o empenho em conservar ou restabelecer o illimitado poder absoluto, não havia manejo que deixassem de fazer, ou não havia estratagema que não empregassem para conseguirem este fim. Comtudo, não era para admirar que aquelles gabinetes nutrissem taes idéas, e concebessem taes projectos; o que na realidade foi monstruoso era o vêr-se como o gabinete Inglez, dirigindo os negocios de um povo livre, tivesse a audacia de conspirar com elles para assassinar a liberdade constitucional na Europa. Assustada a aristocracia Ingleza

com o progresso das luzes dos povos Europeos; e conhecendo muito bem que todas estas luzes vão sendo em detrimento do seu despotismo mercantil, com que por tantos annos tem empobrecido e avassallado o Continente; e receosa, além d'isso, de que o povo Britanico lhe chegasse a tomar contas das immensas riquezas que lhe devorava, deixando-o apenas entregue á caridade das parochias; tinha dado commissão ao ministerio d'esse tempo para que, como seu instrumento, fosse o algôz de toda a liberdade Europea.

O pensamento occulto de toda esta conspiração, a quem a facção Jesuitica conduzia constantemente pela mão, era derribar para sempre o systema constitucional dentro de França; porque, prevalecendo elle ali, era impossivel extingui-lo no resto da Europa. Mas esta empreza era difficilima, como ainda se verá nos successos do anno de 1830, e por tanto convinha que esta operação começasse de mais longe; em razão do que se escolheo Portugal, como paiz que per si só não podia fazer resistencia. Não era porém só Portugal que se pertendia conservar na escravidão; e por isso não era só contra elle que se dirigião os primeiros ataques: queria-se impedir a Hespanha de seguir o nosso exemplo, o que não sería possivel conseguir uma vez que em Lisboa tremolasse a bandeira constitucional. Talhou a natureza toda a

Peninsula das Hespanhas para gosar da igualdade das mesmas instituições politicas, porque tendo os diversos corpos, que a compõem, quasi a mesma linguagem, e quasi os mesmos costumes, não he possivel embaraçar, que a Madrid chegue o que se passa em Lisboa, nem que a Lisboa chegue o que se passa em Madrid. D'esta posição physica e moral da Peninsula he que resultou, por consequencia, tudo quanto se tentou, e que se fez contra a nossa carta constitucional, e a legitimidade, que sobre ella estava sustentada; porque se vio muito bem, que a liberdade constitucional, uma vez estabelecida em Portugal, necessariamente havia de fazer echo, e echo mui sonoro e expressivo na Hespanha. He por tanto, da ultima evidencia, que todas as medidas de oppressão, violencia, e até de atrocidade, commettidas pelo ministerio Inglez contra Portugal, e sempre de acôrdo com a França, Austria, e Russia, não tinhão outro fim senão o de conservar a Hespanha em uma eterna servidão; e erão ao mesmo tempo medidas preparatorias para depois darem um golpe decisivo na liberdade da França.

Todo o resto d'este anno se passou em preparativos para organisar a expedição que ostensivamente se destinava para o Brasil, porém que, segundo o espirito da tropa que a compunha, e dos officiaes que a dirigião, se preparava para tentar um desembarque na

Terceira. Comtudo, o ministerio Britanico, que suspeitava quaes erão as verdadeiras intenções dos que formavão a dita expedição, tomando desde logo a determinação de lhe impedir o effeito premeditado, fez partir para aquellas aguas algumas fragatas com ordem de se opporem a qualquer desembarque na Terceira. No emtanto, a administração interna crescia sempre em abusos, e estes erão tão funestos em Londres como em Plymouth, onde os agentes da mesma administração dispunhão profusamente da fazenda publica, sem curarem nem do futuro, nem da responsabilidade em que podião incorrer.

NOTA,

Que se refere a outra em paginas 105 d'este livro.

Em uma historia moderna do Brasil, escripta pelo doutor *Francisco Solano Constancio*, e publicada em París no anno 1839, lê-se no volume 2.° e a pag. 406 e 407 o seguinte. „ Nada caracterisa melhor a duplicidade, „ e..... de D. Pedro que a insidiosa intri- „ ga com que procurou forçar os desgraçados „ Portuguezes, refugiados em Inglaterra, a „ partirem para o Brasil, onde elle os des- „ tinava a supprirem o logar das tropas de

„ mercenarios estrangeiros. A penuria a que
„ se achavão reduzidos, e as instancias do
„ gabinete Inglez, para que tivessem de sa-
„ hir de Inglaterra, apoiadas pelo marquez
„ de Barbacena, e pelo marquez de Palmel-
„ la, não parecião deixar outro arbitrio a es-
„ tes infelizes. O acolhimento feito em Fran-
„ ça ao general Saldanha, e a seus compa-
„ nheiros de infortunio mudou a face dos ne-
„ gocios, e aos poucos fôrão sahindo dos
„ portos Inglezes os refugiados para as ilhas
„ dos Açores. D. Pedro tinha já feito vir de
„ Inglaterra o armamento destinado aos Por-
„ tuguezes que devião ser organisados no Rio
„ de Janeiro; mas quiz a sorte que este.....
„ projecto se malograsse. He de notar que
„ em todo o decurso da negociação, relati-
„ va a D. Maria, D. Pedro não mostrou
„ nem..... nem dignidade, e ainda me-
„ nos a energia necessaria. Nem sequer se
„ prestou a garantir um emprestimo que fa-
„ cilitasse uma expedição contra D. Mi-
„ guel; e não foi por falta de fundos, pois
„ he bem sabido que este Principe tinha por
„ sua severa economia ajuntado avultadas som-
„ mas, que ainda augmentava por especula-
„ ções mercantís em que se interessava. „

E em pag. 392 do mesmo volume diz ainda: „ Pode até affirmar-se que, para facili-
„ tar a execução de seus projectos libertici-
„ das no Brasil, muito lhe convinha que D.
„ Miguel assumisse o poder absoluto. E

„ com effeito passa por certo que, quando
„ recebeo a noticia de ter D. Miguel dis-
„ solvido as côrtes, e abolido a carta, ex-
„ clamára, cheio de satisfação = *Fez muito*
„ *bem*!„

FIM DO LIVRO 1.º DAS MEMORIAS.